

## Rûmî. O poeta e místico da dança do Amor e da Unidade

### Editorial

A matéria de capa da *IHU On-Line* desta semana é dedicada ao poeta e místico persa

Rûmî (1207-1273), no ano em que se celebram os 800 anos de seu nascimento. Considerado um dos maiores místicos e poetas do Islã, a Unesco dedicou a ele o ano de 2007.

Ajudados pelo Prof. Dr. **Faustino Teixeira**, a quem agradecemos mais esta importante parceria e é quem abre a edição, com a entrevista intitulada “Rûmî é o poeta da dança da Unidade”, entrevistamos **Carlos Frederico Barboza de Souza**, da PUC-MG, que associa a obra de Rûmî com o ser humano contemporâneo, caracterizado pelo individualismo e pelo hedonismo. O casal espanhol **Pablo Beneito** e **Pilar Garrido** definem Rûmî como um “mestre do encontro”, reafirmando um ponto que aparece em diversas entrevistas nesta edição: o poeta e místico sufista “significa a prática viva do diálogo inter-religioso”. **Mario Werneck** o descreve como o apóstolo do ecumenismo. **Marco Lucchesi**, poeta e também tradutor de poesias de Rûmî, constata a utilização do poder soberbo das metáforas. Também contribuem com o debate o professor **William Chittick**, que contextualiza Rûmî na mística e na tradição islâmica.

Contribuem ainda, nesta edição, o professor **Carlo Saccone**, da Universidade de Pádua, Itália; e **Beatriz Machado** e **Armando Erik de Carvalho**, editor responsável da Editora Fissus que editará, em breve, o livro *O canto da Unidade: em torno da poética de Rûmî*, de Faustino Teixeira e Marcco Lucchesi.

No folhear das páginas destinadas à reflexão sobre Rûmî e sua obra, o leitor e a leitora poderão fruir a poesia, distribuída em trechos, deste místico que inspira o tema de capa da edição desta semana.

**Armando de Melo Lisboa**, economista, professor da UFSC, proferirá, nesta semana, a conferência “A concepção sócio-antropológica de economia de Karl Polanyi e sua crítica à utopia do mercado”. Por sua vez, **Lídia Goldenstein** analisa, brevemente, a atual política econômica que na semana teve um desdobramento dramático. Mais uma empresa de calçados do Vale dos Sinos fechou, demitindo 4 mil trabalhadores. O fato também é destaque nesta edição.

*Proibido proibir*, de Jorge Duran, é o filme da semana. Como lembra **Luiz Zanin Oricchio**, após a apresentação do filme no Festival de Havana onde ganhou o Prêmio Especial do Júri, uma das juradas, a cineasta venezuelana Fina Torres, comentou: “Que país o Brasil, tão trágico e tão cheio de energia!”. E o crítico de cinema comenta: “Talvez sem o saber, ela fazia uma quase paráfrase dos versos de Mario Faustino usados por Glauber Rocha em seu *Terra em transe*: ‘Tanta violência, mas tanta ternura’. Assim somos nós”.

A todas e todos uma boa leitura, uma ótima semana e um excelente feriado!

## Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

### A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 03 | Quem foi Rûmî?

PÁGINA 04 | Faustino Teixeira: “Rûmî é o poeta da dança da Unidade”

PÁGINA 09 | Carlos Frederico Barboza de Souza: A mística de Rûmî e o ser humano autônomo contemporâneo

PÁGINA 14 | Pilar Garrido e Pablo Beneito: Rûmî: um mestre do encontro

PÁGINA 17 | Marco Lucchesi: “Rûmî se utiliza do poder soberbo das metáforas”

PÁGINA 20 | Mario Werneck: Rûmî: um apóstolo do ecumenismo

PÁGINA 24 | William Chittick: Rûmî no contexto da mística e da tradição islâmica

PÁGINA 30 | Carlo Saccone: “Somente o conhecimento do coração abre as portas ao mistério de Deus”

PÁGINA 34 | Beatriz Machado: A obra de Rûmi como guia de ensinamento espiritual

PÁGINA 37 | Armando Erik de Carvalho: Rûmî: o extraordinário poeta e místico do Amor

### B. Destaques da semana

» Brasil em Foco

PÁGINA 39 | Lídia Goldenstein: “A questão da dívida externa deixou de ser um problema”

PÁGINA 41 | Campo “triste”. Vale dos Sinos está sufocado pela crise

» Teologia Pública

PÁGINA 44 | Victor Codina: “Temos de crer e esperar que outro mundo e que outra Igreja são possíveis”

» Filme da Semana

PÁGINA 47 | *Proibido proibir*, de Jorge Durán

PÁGINA 50 | Destaques On-Line

PÁGINA 52 | Frases da semana

### C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 55 | Agenda de Semana

PÁGINA 55 | Conversas - O mundo do trabalho e a vida dos/das trabalhadores/as

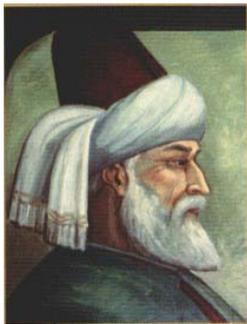
» PERFIL POPULAR

PÁGINA 57 | Maria Leni de Soares

» IHU REPÓRTER

PÁGINA 60 | Denise Cogo

## Quem foi Rûmî?



Mawlânâ Jalâl ad-Dîn Muhammad Rûmî nasceu em 30 de setembro de 1207 na região de Balkh, atual Afeganistão. Herdou de seu pai, um conhecido teólogo e mestre espiritual - Baha'uddin Walad -, o interesse pelas questões teológicas

e místicas. Entre 1210 e 1212, sua família se estabeleceu em Samarcanda, então sob o controle mongol. A partir de 1216, a família fazia uma série de viagens, passando por Bagdá, Meca e Damasco, até se instalar em Konya (Anatólia<sup>1</sup>) no ano de 1229. Na ocasião, esta cidade era

<sup>1</sup> **Anatólia:** ou península anatoliana é uma região do sudeste da Ásia que corresponde hoje à porção asiática da Turquia, em oposição à porção européia, a Trácia. É também freqüentemente chamada pelo nome latino de Ásia Menor, que deriva do grego Mikra Asia. O túmulo do poeta está em Konya. (Nota da *IHU On-Line*)

espaço de refúgio de inúmeros literatos, artistas e místicos do mundo islâmico oriental. Rûmî casou-se duas vezes e teve 4 filhos. Decisivo na sua vida foi o encontro com o dervixe errante, Shams al-Dîn Tabrîzî, no ano de 1244. Foi o encontro de dois oceanos espirituais. Trata-se de uma das mais espetaculares e ricas histórias de união mística. Shams foi para Rûmî uma real “manifestação teofânica”, inspirando profundamente toda a sua produção poética e mística posterior. Rûmî faleceu no dia 17 de dezembro de 1273, em Konya, onde se encontra o seu mausoléu, que é ainda hoje lugar de intensa peregrinação. Dentre suas produções, encontra-se o grandioso Mathnawî, em seis volumes, mas também o tratado em prosa Fihî-ma-fihî (o livro do interior), as cartas (Makâteb), além da significativa produção poética: as odes místicas, conhecidas como Dîwân-i Shams, e as quadras de amor, Rubâ'iyât.

*“O amor partiu meu leve coração  
e o sol vem clarear minhas ruínas.*

*Ouvi belas palavras do Sultão.  
Caí por terra triste, acabrunhado.*

*Acercou-se de mim, vi o seu rosto.  
‘Do rosto eu não sabia mais que o véu’.*

*Se a luz do véu abrasa esse universo,  
o que dizer do fogo de teu rosto?...”*

## “Rûmî é o poeta da dança da Unidade”

ENTREVISTA COM FAUSTINO TEIXEIRA

*Faustino Teixeira, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais (PPCIR-UFJF), concedeu a entrevista que segue, por e-mail, sobre a poesia e a mística de Rûmî. Para ele, Rûmî é atual porque “aciona nos corações traços que são imprescindíveis para uma realização humana autêntica. É um místico que nos desperta para os pequenos sinais do cotidiano, que aciona o imperativo de uma mente alerta para cada detalhe da vida. E provoca mudanças profundas”.*

*Faustino Teixeira é doutor e pós-doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. Ele é autor de vários livros sobre a teologia do diálogo inter-religioso. Ele é um dos grandes parceiros do IHU. Entre suas obras citamos os livros, por ele organizados, Nas teias da delicadeza (São Paulo: Paulinas, 2006) e As religiões no Brasil: continuidades e rupturas (Petrópolis: Vozes, 2006), este em parceria com Renata Menezes. Pierre Sanchis fez uma resenha deste livro que foi publicada na revista IHU On-Line, número 195, de 11-09-2006. Confira, também, uma entrevista com Faustino na edição 209 da IHU On-Line com o tema Por que ainda ser cristão?; uma resenha feita por ele sobre o filme O grande silêncio, publicada na edição de número 212 da revista IHU On-Line, de 19/03/2007; e uma entrevista sobre a Teologia da Libertação, publicada edição número 214 da IHU On-Line de 2 de abril de 2007.*



**IHU On-Line - Como podemos situar Rûmî na tradição do sufismo<sup>1</sup> e da poética persa?**

**Faustino Teixeira -** Jalâl al-Dîn Rûmî (1207-1273), que

<sup>1</sup> Sufismo: corrente mística e contemplativa do Islã. Os praticantes do sufismo, conhecidos como sufis ou sufistas, procuram uma relação directa com Deus através de cânticos, música e danças. O termo sufismo é utilizado para descrever um vasto grupo de correntes e práticas. As ordens sufis (Tariqas) podem estar associadas ao islã sunita, xiita ou uma combinação de várias correntes. O pensamento sufi nasceu no Oriente Médio no século VIII, mas encontra-se hoje por todo o mundo. Na Indonésia, actualmente a nação com maior número de muçulmanos, o Islã foi introduzido através das ordens sufis. (Nota da IHU On-Line)

este ano completaria 800 anos, é um dos maiores místicos da tradição sufi e, acrescentaria, de todos os tempos. Seus sucessores o reconhecem como um grande mestre (Mevlânâ ou Mawlawî<sup>2</sup>). A força de sua presença mística e amorosa fez com que sua influência ultrapassasse as fronteiras do mundo muçulmano, para além do mundo iraniano e turco. Hoje, é reconhecido e cantado em todos os continentes, pois sua poesia fala ao fundo do coração. Entre seus títulos honoríficos está a imagem do “esplendor da fé” (Jalâl al-Dîn), e também do

<sup>2</sup> Mawlânâ Jalâl ad-Dîn Muhammad Rûmî. (Nota da IHU On-Line)

“mestre dos mestres”. Os ocidentais privilegiaram designá-lo com o nome de Rûmî, um topônimo que se refere à Anatólia, parte do império bizantino, onde viveu o místico, e que os muçulmanos medievais chamavam de “Roma”. O século XIII representa o grande florescimento do sufismo, com a presença de místicos de grande envergadura como Farîd al-Dîn Attâr<sup>1</sup> (1140-1230) e Ibn ‘Arabi<sup>2</sup> (1165-1240). Uma singularidade do mundo persa - atual Irã - é a rica conjugação da mística com a poesia. E Rûmî é um dos exemplos mais frutuosos. Não há como traduzir a força da experiência espiritual senão mediante a poesia, que representa uma porta de abertura ao Real inominado. A linguagem poética constitui um *barzakh* - istmo ou mundo intermediário -, que liga o nosso mundo ao mundo que se encontra além das palavras. Num de seus belos poemas, Mevlânâ fala do “outro mundo impermeável às palavras” que habita este mundo. E faz um convite que é essencial: “Lava tuas mãos e teu rosto nas águas deste lugar”.

A poética de Rûmî guarda uma musicalidade especial. Na visão deste místico, os verdadeiros amorosos são amantes da dança e da música: “Quando as asas das mariposas abrem-se ao brilho do sol, todos caem na dança”; “todo coração que arde nesta noite é amigo da música”. Sua rica poética jorra em obras preciosas como o grande poema espiritual, *Mathnawî* (em seis volumes), o *Dîwân-i Shams-i Tabrîzî*<sup>3</sup> e os rubā’î<sup>4</sup>. No Brasil foram

<sup>1</sup> Farîd al-Dîn Attâr (1142-1220): poeta persa que inspirou Rûmî. Nasceu em Neshapur, na província de Korassâ. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>2</sup> Ibn ‘Arabi (1165-1240): Nasceu em Murcia na Espanha, em 1165. É considerado um dos maiores mestres do pensamento místico Islâmico. O pensador espanhol defendeu, em suas obras, uma visão teológica pluralista, onde filosofia e espiritualidade se fundem. Seus livros foram publicados em todo o mundo, influenciando não só o pensamento Islâmico, mas deixando também diversas marcas na filosofia ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>3</sup> *Dîwân-i Shams-i Tabrîzî*: principal obra em persa de Mawlânâ Jalâl ad-Dîn Muhammad Rûmî, uma coleção de poemas que contém mais de 40 mil versos. (Nota da *IHU On-Line*)

publicados dois livros contendo uma breve seleção de poemas de Rûmî, tomados do *Dîwân-i Shams-i Tabrîzî* (Marco Lucchesi<sup>5</sup>. *A sombra do amado*. Rio de Janeiro: Ficus, 2000 e *Poemas místicos*. São Paulo: Attar, 1996).

Na edição 133, de 21 de março de 2005, intitulada *Delicadezas do mistério. A mística hoje* o poeta Marco Lucchesi concedeu a entrevista *Literatura e Mística na compreensão do belo, das minorias*. A entrevista pode ser conferida no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)).

### ***IHU On-Line* - Quais são os principais traços de sua reflexão mística?**

**Faustino Teixeira** - Se tomamos como referência o *Mathnawî* místico de Rûmî, que começou a ser escrito em 1262, esses traços aparecem com muita nitidez. Há que se sublinhar a complexidade que acompanha a reflexão. Só a partir de várias leituras, e num processo de amadurecimento espiritual, é que o significado começa a emergir para o leitor. A interação com o autor implica um processo de despojamento interior. Não há como fazer uma leitura passiva de sua obra místico-poética. A leitura exige participação, envolvimento pessoal, mas, sobretudo, desapego: há que se deixar penetrar e transformar pela Palavra do poeta. Há que sair da “casa de argila” para poder captar o perfume seletivo do artista em seu fulgor: “Se queres mergulhar, prende a respiração”.

### **A busca da Unidade e a flama do amor**

Os temas recorrentes na obra de Rûmî são a busca da Unidade e a flama do amor. O segredo de sua produção

<sup>4</sup> Rubā’î: composição poética persa em forma de quarteto. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>5</sup> Marco Lucchesi: mestre em História pela Universidade Federal Fluminense e em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ver entrevista com ele nesta edição. (Nota da *IHU On-Line*)

mais singela, o Mathnawī, encontra-se nos seus primeiros dezoito versos. No prólogo desta obra, Mevlānā fala sobre o lamento da flauta de bambu (*ney*), que se queixa de seu desterro. Desde que foi arrancada de sua raiz, suas notas melódicas expressam a saudade de seu lugar, onde habita o Amado. Assim também o ser humano, como a flauta, busca ardentemente unir-se ao Amado, e a força dessa busca encontra-se no amor. O amor é a “doce loucura” que cura todas enfermidades. É o amor que purifica o coração, e nele desperta o “perfume do Sedutor”. O coração habitado pelo amor é capaz de reconhecer a beleza da diversidade, já que se torna capaz de acolher inúmeras formas. O coração purificado capta a dinâmica da generosidade divina, o abraço universal do Amado. Como outros místicos muçulmanos, Rûmî abordou, de forma admirável, a dimensão misericordiosa de Deus, que está sempre à disposição do sedento: “Não busque a água, mas mostre-se sedento, para que a água possa jorrar de alto a baixo”.

***IHU On-Line* - Em que medida o amor humano e a Unidade entre o ser humano e Deus aparecem na obra poética de Rûmî?**

**Faustino Teixeira** - Rûmî é o poeta da dança da Unidade. Todos os seus poemas celebram a dinâmica da Unidade. É um místico que não tem domicílio definido; o seu lar é o “não-lugar”. Como aponta num de seus poemas, não se reconhece como cristão, judeu ou muçulmano; nem do Ocidente ou Oriente; de qualquer lugar deste mundo ou do paraíso: o seu verdadeiro lugar é o Amado, a união com o Amado. E revela: “O mundo é apenas Um, venci o Dois. Sigo a cantar e a buscar sempre o Um”. Mas adverte, curiosamente, que o Amado está bem próximo, pois habita o íntimo do coração: “De casa em casa buscastes resposta. Mas não ousaste subir ao telhado”. O Amado é o sempre-já-aí. Nós é que estamos dele distantes... Aliás, estamos distantes de nós mesmos, somos estrangeiros de nossa própria profundidade. Há,

em seus poemas, um convite implícito: o de voltar-se para si mesmo, para o exercício de despojamento radical, de purificação do coração: “Se desejais chegar à casa da alma, buscai no espelho o rosto mais singelo”. Seria um equívoco imaginar que esta busca do Um na perspectiva da reflexão de Rûmî, levaria ao desprezo do mundo ou das coisas criadas. Na verdade, ao defender a “Unidade do Real”, Rûmî está assinalando que o domínio do múltiplo encontra sua razão de ser na união com o Todo. Em nenhum momento alude que a multiplicidade do cosmos é uma ilusão ou embaraço. Na verdade, esta multiplicidade encontra suas raízes em Deus. Como outros místicos da tradição sufi, Rûmî defende uma “teoria do conhecimento inspirada”, ou seja, um conhecimento humano sempre referendado ao divino mistério. O que ele questiona é a possibilidade de um conhecimento desgarrado do sentido espiritual. O amor humano tem um lugar de destaque na reflexão de Rûmî. A seu ver, a única companhia que os fiéis partilham na travessia da existência é a “excelência das ações”. Nem os amigos nem as riquezas acompanham o ser humano para além da tumba. O que permanece é o dom das virtudes impresso nas ações.

***IHU On-Line* - Por que Rûmî ainda é tão atual?**

**Faustino Teixeira** - É atual porque aciona nos corações traços que são imprescindíveis para uma realização humana autêntica. É um místico que nos desperta para os pequenos sinais do cotidiano, que aciona o imperativo de uma mente alerta para cada detalhe da vida. E provoca mudanças profundas. Suas reflexões traduzem a exigência de um trabalho interior paciente, de construção de sentimentos com o toque da delicadeza e da cortesia universais, que propiciam o alargamento das paisagens. Rûmî nos faz enxergar para além das formas limitadas, nos faz reconhecer que há luminosidade mais intensa sob o véu das nuvens, que há a força das águas para além da espuma que acompanha as ondas. Em seus

relatos e histórias, apresenta-nos personagens que apontam novos caminhos. Como o santo Daquûqî, que vivia em contínua peregrinação e evitava manter vínculos que o aprisionassem a um único lugar. Era um santo que não podia se contentar com apegos e domicílios e evitava os enclausuramentos. E também o exemplo de Ayâz, o favorito do rei Mahmud, que manteve guardados seus velhos sapatos e sua roupa rasgada para manter viva a recordação de sua origem humilde: “A semente de onde provéns é a tua sandália, teu sangue e tua manta de carneiro; todo o resto, ó meu mestre, é seu dom”. Rûmî é atual porque desperta valores milenares que estão hoje abafados na lógica da sociedade de mercado. São valores como a hospitalidade, a generosidade, a cortesia, a delicadeza, a gratuidade. Há, em nosso tempo, um cansaço que tende a generalizar-se, uma rotina de banalidade, marcada por uma dinâmica que é necrófila. Como construir a vida e a felicidade numa sociedade onde os “valores” são outros: a concorrência, a competitividade, a produtividade, o individualismo, a busca de sucesso a todo custo etc. A mística de Rûmî vai noutra direção, naquela que conta verdadeiramente.

***IHU On-Line - Como a reflexão poética de Rûmî pode contribuir em uma sociedade secularizada, tão marcada pela descrença no místico, no mágico e no divino, tão centrada nos objetos e na fruição pessoal, individualista?***

**Faustino Teixeira** - Um dos importantes pensadores atuais, Muhammad Khatami<sup>1</sup> - ex-presidente da

---

<sup>1</sup> Muhammad Khatami (1943): intelectual, filósofo e político iraniano. Foi presidente do Irã entre 02-08-1997 e 02-08-2005, quando Mahmoud Ahmadinejad foi eleito. Khatami apresentou a teoria do Diálogo entre civilizações como resposta à teoria do Choque das civilizações de Huntington (um cientista político controverso dos Estados Unidos, conhecido por sua análise do relacionamento entre as forças armadas e o governo civil). Depois de apresentar o conceito de sua teoria a várias organizações internacionais (entre elas Nações Unidas) a teoria ganhou apoio internacional. Como defensor da

República Islâmica do Irã - é um grande entusiasta do diálogo entre as civilizações. Reconhecedor das conquistas positivas realizadas pelo mundo ocidental, manifesta-se igualmente atento aos limites que acompanharam sua dinâmica, entre os quais sublinha o traço da secularização. Trata-se da grande diferença que marca o caminho ocidental do mundo islâmico, onde o toque do divino está presente em toda parte. E o líder iraniano assinala que, no campo espiritual, o ocidente dispõe de menores recursos. Ele enfatiza como uma urgência no tempo presente a retomada da “via do coração”, tão sinalizada pelos grandes místicos. A seu ver, o intelecto não consegue alcançar senão as “cercanias do transcendente”. Ou, como diz Rûmî, “o absoluto há de fugir sempre do que é incerto”. O modo de condução da razão no ocidente gerou o secularismo e suas demais vertentes, abafando dimensões que também são essenciais para a afirmação do humano, como a dinâmica do coração. A razão sozinha não consegue desvelar a realidade, que é mais sutil e complexa. Ela necessita do aporte essencial da “fé no coração”. Na tradição mística islâmica, o coração constitui o órgão sutil por excelência da percepção mística. Segundo Rûmî, aqueles que “poliram” o coração transcendem o mundo das formas e das cores, podendo contemplar “sem cessar a Beleza a cada instante” (MI, 3492). A reflexão místico-poética de Mevlânâ tem muito a contribuir para o “reencantamento do mundo”, para a afirmação de um outro olhar e para a retomada de outras dimensões, substantivas, para o crescimento da pessoa. É alguém muito especial que nos acorda para dimensões adormecidas do ser, que nos faz despertar para a sublime atenção aos segredos de Deus. Rûmî é portador de uma notícia especial que corresponde a uma sede que é

---

moralização da política, declarou que “a tradução do diálogo entre civilizações à política consistiria em argumentar que a cultura, moral e arte devem prevalecer na política”. (Nota da *IHU On-Line*)

universal, da água da generosidade divina, da “caravana de açúcar”. Mas há que estar atento para perceber esta presença novidadeira: “Limpa bem teus ouvidos e recebe nítida essa voz - o som do céu chega como um sussurro”.

**IHU On-Line - Em que medida as grandes correntes místicas do islamismo contribuem para a pesquisa na área do diálogo inter-religioso e da mística comparada? Rûmî pode ajudar a relacionar o cristianismo e o islamismo?**

**Faustino Teixeira** - Num livro que causou muita resistência entre alguns teólogos católicos - *Carta a um religioso* (1942) -, Simone Weil<sup>1</sup> dizia que “os místicos de quase todas as tradições religiosas coincidem quase até à identidade”. No horizonte de toda tradição religiosa autêntica há um “ponto luminoso”, que é o centro nevrálgico da esfera da Unidade, que simboliza a teofania suprema. É o ponto que habita na intimidade de cada tradição, na sua profundidade. Na medida em que nos aproximamos deste ponto (*nuqta*), crescemos em

---

<sup>1</sup> Simone Weil (1909-1943): filósofa cristã francesa, centrou seus pensamentos sobre um aspecto que preocupa a sociedade até os dias de hoje: o tormento da injustiça. Vítima da tuberculose, Weil recusou-se a se alimentar, para compartilhar o sofrimento de seus irmãos franceses que haviam permanecido na França e viviam os dissabores da Segunda Guerra Mundial. Sobre Weil, confira as edições número 84, de 17-11-2003, e número 168 da *IHU On-Line*, de 12-12-2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*. (Nota da *IHU On-Line*)

liberdade, superando os vínculos e “nós” que geram todos os exclusivismos. Podemos observar na tradição mística sufi esta impressionante abertura inter-religiosa. A encontramos em Hallaj, em Ibn ‘Arabi e também em Rûmî. O segredo desta abertura está na lógica do coração. Como bem sublinhou Simone Weil, somente “aquele que conhece o segredo dos corações” é capaz de alcançar o “segredo das diferentes formas de fé”. Para Mevlânâ, o segredo do Mistério ultrapassa as formas religiosas que são sempre fragmentárias. A substância da “árvore da vida” está para além das formas superficiais: “Ela tem milhares de nomes, mas é Uma, - corresponde a todas as suas descrições, mas é indescritível” (MII, 3641-3679). A “árvore da vida” frustra todos aqueles que buscam simplesmente nomes, pois ela diz respeito a qualidades. Na visão de Rûmî, a religião mais autêntica e a oração mais sublime são aquelas que brotam de um coração ardente, como na clássica história de Moisés e o pastor, relatada no Mathnawî (MII, 1720-1785). A presença graciosa de Deus age de forma diversificada nos corações, provocando expressões distintas e particulares de acolhimento, para além das rígidas fronteiras traçadas pelas ortodoxias, muitas vezes frias e insensíveis. Na visão de Rûmî, “o desacordo entre os homens é provocado pelos nomes, a paz advém quando eles alcançam a realidade” (MII, 3680).

*“Vós que saistes a peregrinar!  
voltai, voltai, que o Amado não partiu*

*O Amado é vosso vizinho de porta,  
por que vagar no deserto da Arábia?*

*Olhai o rosto sem rosto do Amado,  
peregrinos sereis, casa e Kaaba...”*

# A mística de Rûmî e o ser humano autônomo contemporâneo

ENTREVISTA COM CARLOS FREDERICO BARBOZA DE SOUZA

*Para o professor Carlos Frederico Barboza de Souza, em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line, a mística de Rûmî “aponta para uma busca em profundidade do ser humano, que gera mudanças radicais na vida da pessoa que a vive, que lhe abre para dimensões inusitadas do seu ser, que implicam num processo longo e doloroso de contato consigo, com as próprias limitações, com as pessoas e com as idéias de divindade estabelecidas”. E acrescenta: “Implica um sair de si e do controle da própria vida para abrir-se a um Mistério que não pode ser controlado, nem comparado nem manipulado”.*

*Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Carlos Frederico possui mestrado em Ciências da Religião pela mesma instituição. Atualmente, é professor de Cultura Religiosa na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Tem experiência nas áreas de Teologia, Filosofia, Antropologia, Pedagogia e Psicanálise, atuando, principalmente, com os seguintes temas: islã, sufismo, espiritualidade, estudos sobre mística, mística comparada e diálogo inter-religioso. Carlos Frederico Barboza de Souza é autor de Construindo a vida (São Paulo: FTD, 2001). Ele comentou o filme O grande silêncio, de Philip Gröning, no artigo publicado nas Notícias Diárias do sítio do IHU em 19 de março de 2007.*

“Busca a sua Beleza na beleza  
e segue intrépido, sem vacilar...”

### ***IHU On-Line - Como avaliar o significado e a atualidade de Rûmî para a mística contemporânea?***

**Carlos Frederico** - A mística contemporânea se defronta com realidades que a sociedade atual lhe propõe. Neste sentido, penso que algumas situações com as quais esta mística tem que se defrontar e, de certa forma, dialogar ou responder, podem ser resumidas em alguns tópicos. O primeiro diz respeito a alguns elementos presentes em grande parte de nossa cultura ocidental, ou seja, o caráter individualista que marca nossa concepção de ser humano e nossas autopercepções e ações; o hedonismo consumista e centrado no 'ter'; a lógica da eficácia e produtividade que nem sempre abre portas a espaços de gratuidade; a privatização das coisas e pessoas, que diminuem seu investimento com a solidariedade e as dimensões coletivas de uma comunidade; e, por fim, o imediatismo, superficialidade, valor às aparências e rapidez que marcam nossa cultura influenciada por uma certa concepção de mídia e comunicação.

É claro que estes elementos presentes na nossa sociedade se refletem profundamente na forma de viver e pensar das pessoas concretas e, conseqüentemente, na forma de se expressarem religiosamente e viverem suas experiências do Sagrado. Neste sentido, muitas vezes estas experiências acabam sendo ou banalizadas ou ao menos limitadas pelos padrões sociais vigentes. Neste ponto, a mística rumiana adquire seu significado fundamental, pois aponta para uma busca em profundidade do ser humano, que gera mudanças radicais na vida da pessoa que a vive, que lhe abre para dimensões inusitadas do seu ser, que implicam num processo longo e doloroso de contato consigo, com as próprias limitações, com as pessoas e com as idéias de divindade estabelecidas. Implica um sair de si e do controle da própria vida para abrir-se a um Mistério que não pode ser nem controlado, nem comprado ou manipulado. E este Mistério Absoluto só se revela na

gratuidade amorosa para quem persevera amorosamente na busca de encontrá-lo descentradamente de si e aberto a ser transformado por este encontro.

Dois outros elementos presentes em nossas sociedades também apontam para o significado da mística de Rûmî: o fundamentalismo e o relativismo. Quanto ao fundamentalismo, os místicos, dentre eles Rûmî, nos indicam um caminho muito mais tolerante, capaz de aprender com o outro e de lidar com a verdade de uma forma não dogmática e fechada. São seres dialogais, que conseguem ver a manifestação divina em setores não-religiosos e até nas religiões que não a sua. Por outro lado, o relativismo tende a encarar as religiões como sendo semelhantes entre si. E esta semelhança, na perspectiva relativista, abole a diversidade existente entre elas e pode gerar uma vinculação religiosa frágil, incapaz de propiciar o vínculo exigido para uma experiência mística profunda. A riqueza do que Rûmî nos revela é que ele consegue viver esta vinculação radical sem ser exclusivista na sua forma religiosa de crença. Ou seja, ele é capaz de encontrar os traços e as manifestações do Mistério em todas as religiões e experiências humanas e no cosmo.

Por fim, a experiência de vida rumiana é muito marcada por sofrimentos advindos da realidade sociopolítica (passou por situações de guerra e exílio) por ele vivida e também pelas tragédias que marcaram sua história pessoal, como a morte de sua esposa, sendo ele ainda jovem e pai de dois filhinhos, e o assassinato de seu grande amigo, Shams de Tabriz<sup>11</sup>, com a possível participação de um filho seu e de discípulos enciumados. Nisto tudo, como nos diz Eva de Vitray-Meyerocivtch,

---

<sup>11</sup> **Shams de Tabriz**: poeta persa, mestre espiritual de Rûmî. Shams e Rumi permaneceram juntos até 1247, quando Shams desapareceu. Dizem que ele foi assassinado por discípulos de Rumi, ciumentos da ascendência que ele exercia sobre seu mestre. (Nota da *IHU On-Line*)

grande tradutora de suas obras para o francês, “Rûmî testemunha que a vida tem um sentido, que o amor e a alegria transcendem o sofrimento, e que definitivamente nada é absurdo” (Rumî e o Sufismo, p. 7)<sup>12</sup>.

#### **IHU On-Line - Qual é a razão que motivou a UNESCO a dedicar o ano de 2007 a Rûmî?**

**Carlos Frederico** - Como se encontra escrito no sítio da Unesco, Rûmî, como místico e poeta, defendeu a tolerância, racionalidade e acesso ao conhecimento através do amor. Com isto, suas obras marcaram pessoas e religiões para além da Turquia, terra onde se radicou, e para além do Islã, sua religião. Estas suas características são fundamentais para a construção de uma sociedade mais pacífica, na qual as pessoas possam desenvolver suas relações e potencialidades e serem felizes.

#### **IHU On-Line - O que provoca tanta admiração na poética de Rûmî?**

**Carlos Frederico** - Primeiro, sua poética, como toda poética mística, é um texto ‘inspirado’, ou seja, vem marcado por uma lógica que não é a lógica da racionalidade, que tudo mede, controla e delimita. Esta lógica mística se utiliza das palavras para tentar dizer o que em si é indizível, inenarrável. O místico lida com experiências de uma ordem de riqueza ilimitada, que é difícil de ser traduzida na ordem da linguagem limitada. Por isto, lança mão de inúmeros recursos para que seja capaz de “dizer o que não pode ser calado”. Alguns destes recursos podem ser resumidos da seguinte forma: a utilização constante de paradoxos, indicando sempre a complexidade da realidade e da experiência de vida feita; o uso polissêmico das palavras, de modo que as mesmas significam muitas coisas, apontam para dimensões variadas da experiência mística; ao mesmo

<sup>12</sup> MEYEROVITCH, E. V. *Rumi e o sufismo* (São Paulo: ECE, 1990). (Nota da *IHU On-Line*)

tempo, uma mesma experiência, devido à sua riqueza, tenta ser traduzida de formas diversas, através da utilização de vários conceitos tentando realçar dimensões diferentes presentes nesta mesma vivência; a utilização de termos ‘técnicos’, cunhados nas diversas tradições religiosas e que foram ‘provados’ e vividos e enriquecidos por uma gama de pessoas que as disseram e transmitiram, propiciando densidade às mesmas; a utilização de tempos verbais variados ou de marcações espaço-temporais também variáveis, como dentro-fora, subir-descer, tudo indicando a ‘flutuação’ e liberdade do que é vivido pelo místico; por fim, a utilização de expressões de grande densidade espiritual, nascente quase no mesmo momento da realização da experiência e que se traduzem em interjeições, exclamações, expressões de dores e alegrias.

Por outro lado, os relatos e poesias místicos não apenas falam de uma experiência, mas a comunicam, de alguma forma, aos seus interlocutores, pois são expressões lingüísticas nascidas de uma forma vivência interior, que gerou transformação pessoal e que acaba sendo traduzida em frases ou poemas que fazem afirmações diretas, existenciais, fortes, gerando grande impacto nos seus leitores.

Por fim, gostaria de ressaltar que, como diz Vitória Peres<sup>13</sup>, a poesia mística - e a de Rûmî se insere também

---

<sup>13</sup> **Vitória Peres**: é graduada em Letras pela Universidade Católica de Pernambuco, mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas e doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente, é professor titular da Universidade Federal de Juiz de Fora. Na edição 133, *Delicadezas do mistério. A mística hoje*, de 21 de março de 2005, Vitória Peres concedeu a entrevista *O silêncio da mística sufi*, que pode ser conferida no sítio da *IHU On-Line* ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). (Nota da *IHU On-Line*)

neste quesito - desempenha o 'papel de umbral entre dois mundos': o do cotidiano aprisionante, fragmentado, múltiplo, corriqueiro, rotineiro, ordinário e o mundo da experiência mística que alarga o tempo e o espaço, inflaciona-os, abrindo às pessoas uma série inusitada de possibilidades ou, no dizer de Faustino Teixeira<sup>14</sup>, "afirmando a cidadania de um outro mundo que habita o mundo, e que é 'impermeável às palavras'".

### ***IHU On-Line* - Como decifrar a paixão de Rûmî pela Unidade? E como ele articula esta paixão com sua abertura generosa à pluralidade do real?**

**Carlos Frederico** - A paixão de Rûmî pela Unidade se encaixa dentro da paixão muçulmana pela mesma Unidade. Para o Islã, a Unidade marca toda e qualquer experiência religiosa e de vida, pois Deus é único, e nada se associa à Sua divindade. É a afirmação do monoteísmo que, empregada de forma negativa (não existe divindade fora de Deus - ou esta mesma afirmação atualizada num formato mais dialógico e nem sempre aceita por todos os muçulmanos: não existe divindade que não seja Deus), indica que Ele é o Absoluto e somente Ele é. Todo relativo a Ele está ligado e por isto tudo deve ser visto n'Ele, tudo tendo sua origem e finalidade n'Ele. O seguidor do Islã, neste sentido, sente-se como um convocado a fazer o Tawhid<sup>15</sup>, a profissão da unicidade divina e a vivê-la em seu cotidiano, na junção entre fé e vida.

Porém, fugindo a concepções panteístas, esta afirmação da unicidade divina não exclui a existência da pluralidade e diversidade cósmica. Aliás, não só não a

---

<sup>14</sup> Confira, nesta edição, uma entrevista exclusiva com Faustino Teixeira. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>15</sup> **Tawhid**: é um conceito central no Islã que se refere à crença na unicidade de Deus. A palavra é um forma verbal que significa "proclamação do Único", isto é, afirmar que é Deus único. (Nota da *IHU On-Line*)

exclui como a integra de forma muito rica. Na concepção rumiana, a pluralidade cósmica tem um sentido fundamental. Primeiro, ela é reflexo da própria pluralidade da riqueza infinita que habita o Real (forma com que muitas vezes Deus é nomeado no meio súfico<sup>16</sup>. Esta palavra é uma das traduções do árabe Haqq<sup>17</sup>). Este é único, mas diverso em facetas, o que já é indicado pela bonita concepção islâmica dos 99 nomes divinos. Além do mais, tudo o que existe no cosmo é uma manifestação, uma teofania, uma expressão do Real. O cosmo, neste aspecto, é um espelho que deve ser polido para manifestar o Real em toda sua riqueza. E, mais, este espelho cósmico só existe porque é mantido na existência pela presença invisível e escondida do Real nele. E pode manifestar o Real porque de alguma forma é Ele também. Neste sentido, o cosmo é habitado por uma ambigüidade rica: tudo é Ele e não Ele ao mesmo tempo. Tudo abre para a experiência do Real e ao mesmo tempo esta experiência deve levar à transcendência de tudo. O Real, assim, é, utilizando-me de conceitos árabes, tashbih e tanzih, ou seja, tudo é semelhante a Deus e ao mesmo tempo tudo é infinitamente incomparável a Ele.

### ***IHU On-Line* - Como dimensionar o lugar do amor na obra poética de Rûmî?**

**Carlos Frederico** - O amor é central na obra rumiana. Ele é a inspiração da flauta de bambu que lamenta porque foi separada de sua raiz primordial, sentindo-se

---

<sup>16</sup> **Sufismo**: é a corrente mística e contemplativa do Islã. O termo sufismo é utilizado para descrever um vasto grupo de correntes e práticas. As ordens sufis (Tariqas) podem estar associadas ao islã sunita, islã xiita ou uma combinação de várias correntes. O pensamento sufi nasceu no Médio Oriente no século VIII, mas encontra-se hoje por todo o mundo. Os praticantes do sufismo, conhecidos como sufis ou sufistas, procuram uma relação directa com Deus através de cânticos, música e danças. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>17</sup> **Haqq**: é a palavra árabe para a verdade. No contexto islâmico, é interpretado também como a realidade. (Nota da *IHU On-Line*)

desterrada. Perdendo sua Unidade com o Real, perde a raiz de sua vida, de seu existir. E o que pode levá-la a reencontrar-se com esta sua raiz é justamente o amor. Por isto ele é tão fundamental. E não é qualquer amor: é um amor embriagado, inflamado, que queima e arde, impelindo o amante a entregar-se totalmente ao Amado. Por isso, ele é dotado de uma força inexplicável, capaz de “fazer o mar ferver como uma chaleira, estilhaçar a montanha, fender o céu e fazer tremer a terra”. No dizer de Rûmî: “O que quero é um incêndio no meu coração - é este incêndio que é tudo, mais precioso que o império do mundo, pois ele chama a Deus secretamente no meio da noite” (Mathanawî, III, 203)<sup>18</sup>. É a vivência deste amor que propicia perseverança e doçura na busca do Amado, mesmo secretamente no meio da noite. Daí a importância, para Rûmî, da prática da religião do amor. Ao mesmo tempo, este amor se encontra presente no Real, que é profundamente generoso, que a tudo cria misericordiosamente e se faz próximo a toda criatura.

***IHU On-Line* - Como entender, na obra de Rûmî, o tema do coração e qual a centralidade desta questão para a reflexão mística do sufismo?**

**Carlos Frederico** - O tema do coração também é central na mística de Rûmî, assim como é central na tradição islâmica. Porém, esta temática tem que ser bem entendida, pois o coração (qalb) na tradição muçulmana adquire contornos não presentes em nossa tradição ocidental. Primeiro de tudo, o coração é o órgão da experiência mística e do conhecimento místico, da gnose (ma'rifa). Assim, ele é um órgão da fisiologia mística que abre portas para as sutilezas e delicadezas de mundo espiritual, não sensível. E ele é capaz de propiciar o acesso a esta dimensão da vida porque não é como o conhecimento racional, que conhece através da fixação

<sup>18</sup> RÛMÎ, Djalâl-od-Dîn. *Mathanawî: la quête de l'Absolu* (Paris: Éditions du Rocher, 1990). (Nota da *IHU On-Line*)

de conceitos, da classificação dos mesmos, da sua delimitação etc. O coração é um órgão flutuante, dinâmico, em contínuo movimento e transformação. É um órgão fluídico (aqui, ele se associa à palavra taqallub, da mesma raiz trilítera de qalb, e que quer dizer perpétua transformação). Portanto, o coração está em contínuo movimento, adequando-se sempre ao contínuo movimento das manifestações infinitas e perpétuas do Real. Mas, para adquirir esta fluidez, o mesmo deve ser purificado, polido. E isto implica em passar pelo processo de aniquilação (fana'), através do qual o coração morrerá a si mesmo, às suas estruturas fixas, delimitadas e delimitantes, e assumirá uma estrutura próxima à estrutura das manifestações teofônicas. A isto se dá o nome de *baqa'*, ou seja, ele passa a subsistir no Real e é, de certa forma, transformado neste mesmo Real para ser capaz de receber e espelhar todas as suas formas. No dizer do próprio Rûmî, o coração é “como uma pena no deserto, que nasceu prisioneira dos ventos; o vento a leva por toda parte ao acaso, ora para a direita, ora para esquerda, em direções opostas” (Mathnavi III, 1641-1644). Por outro lado, a importância do coração em Rûmî também diz respeito à temática do amor, pois possuir um coração puro, no dizer de Faustino Teixeira, é possuir uma capacidade de “acolher a diversidade, de atuar movido pelos dons do cuidado, da generosidade, da delicadeza e cortesia para com os outros. Num coração que se encontra embriagado pela presença do Bem-Amado não há lugar para nada que não seja amor e misericórdia”.

***IHU On-Line* - Qual é a incidência do Corão na obra de Rûmî?**

**Carlos Frederico** - Na vida de qualquer muçulmano o Corão possui um valor essencial, pois ele é o milagre supremo do Islã, o livro da grande teofania que é a revelação mesma de Allah, a Palavra 'enlivrada',

possuindo o mesmo significado para a tradição islâmica que a encarnação de Jesus Cristo tem para os cristãos. Ele indica, assim, a presença do Altíssimo no meio da humanidade, pois a raiz trilítera da palavra revelação é a mesma da palavra descer (n-z-l). Com isso, ele indica que o Real, através do Corão, desce ao coração dos crentes. Portanto, o Corão possui um espaço muito forte na experiência religiosa e mística islâmica e se constitui como fonte primordial desta experiência. A recitação continuada do Corão, a rememoração de suas frases e palavras, a meditação nas mesmas, acabam por fazê-lo parte fundamental do cotidiano e da vida de um muçulmano a ponto de se buscar um ideal de coranizar a

própria vida. Rûmî não é diferente. O contato freqüente e qualitativamente forte com o Corão é expresso em todo seu texto e o informa completamente, aparecendo como citações explícitas, ou através de termos e expressões técnicos nascidos do texto sagrado ou até nas concepções presentes em seu pensamento. Entretanto, é importante se observar que Rûmî não o trabalha de forma fundamentalista, pois é sempre capaz de descobrir sentidos novos e diversos, muitas vezes inusitados e para além da interpretação tradicional, no próprio texto.

## Rûmî: um mestre do encontro

ENTREVISTA COM PILAR GARRIDO E PABLO BENEITO

*“Rûmî significa a prática viva do diálogo inter-religioso. A sua poesia abre o coração. É um espelho onde se contempla a alma.” Assim o poeta persa que inspira a matéria de capa desta semana é descrito pelo casal Pilar Garrido e Pablo Beneito. Prof. Pablo Beneito Arias, doutor em Arabística e Islamología pela Universidade Complutense de Madri, e professor da área de estudos árabes da Faculdade de Filologia da Universidade de Sevilha, é um importante estudioso do sufismo. E a Prof<sup>a</sup>. Pilar Garrido, também professora na Universidade de Sevilha, é especialista em língua árabe e graduada em Filologia Árábica pela Universidade da Salamanca.*

*Eis a íntegra da entrevista que o casal concedeu por e-mail para a IHU On-Line:*

**IHU On-Line - Qual o significado e a atualidade de Rûmî para a mística contemporânea?**

**Pilar Garrido e Pablo Beneito -** Rûmî continua sendo um mestre vivo para os sufi atuais das mais diversas vias de iniciação em todo o mundo islâmico e para o Islã em geral. Seu inspirado discurso, dirigido diretamente ao coração, transcende formulações culturais particulares e se torna iluminador e eficaz em qualquer contexto

espiritual. Cremos que se pode situar o começo de um significativo influxo moderno de autores como Rûmî ou Attar na cultura européia ocidental no Divã oriental de Goethe<sup>19</sup>, que tão profundamente admirou a mística islâmica.

<sup>19</sup> Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832): escritor alemão, cientista e filósofo. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos

**IHU On-Line - Em que aspecto reside a atualidade da obra de Rûmî?**

**Pilar Garrido e Pablo Beneito** - Na atualidade, se tende com excessiva freqüência a explicar as situações de violência como resultado de diferenças religiosas e a confundir a ordem sociopolítica com a ordem propriamente espiritual. Os ensinamentos de Rûmî, através de seus versos e seus relatos, constitui um referencial de grande importância na hora de afirmar a universalidade da verdade e do amor. Rûmî é um porta-voz da escuta e do reconhecimento mútuos do Islã.

**IHU On-Line - Qual é a importância concedida por Rûmî ao diálogo inter-religioso?**

**Pilar Garrido e Pablo Beneito** - Rûmî, sendo um muçulmano comprometido com sua fé, significa a prática viva do diálogo inter-religioso. Pessoas de diversas confissões e tendências acudiam a suas reuniões. A experiência do amor está, por sua própria essência, aberta a todos. Precisamente porque ensina a perceber a essência da vivência do espírito mais além das determinações formais de cada via, Rûmî é um mestre do encontro.

*“Contudo eu permaneço como um convidado no coração do crente, sem qualificação, definição, ou descrição.”*

*“O credo do amor é separado de todas as religiões: O credo e a denominação dos amantes é Deus.”*

---

finais do século XVIII e inícios do século XIX. Juntamente com Schiller foi um dos líderes do movimento literário romântico alemão *Sutrum und Drang*. De suas obras, merecem destaque *Fausto* e *Os sofrimentos do jovem Werther*. (Nota da *IHU On-Line*)

**IHU On-Line - O que provoca tanta admiração na poesia de Rûmî?**

**Pilar Garrido e Pablo Beneito** - Seu impacto imediato, profundo e indelével no coração. Os que podem lê-lo em persa sentem, além disso, uma fascinação musical. Sua maestria na língua persa, com seus incessantes jogos de palavras, é uma dimensão somada, mas o assombroso da poesia de Rûmî é que, bem traduzida, preserva sua eficácia espiritual. A poesia de Rûmî abre o coração. É um espelho onde se contempla a alma.

*“Feche a porta do discurso e abra a janela do coração!  
A lua beijá-lo-á somente através da janela.”*

**IHU On-Line - Como decifrar a paixão de Rûmî pela Unidade? E como ele articula esta paixão com sua abertura generosa à pluralidade do real?**

**Pilar Garrido e Pablo Beneito** - Amar a Deus significa amar tanto sua Unidade como a diversidade de suas manifestações. O conhecimento da Realidade implica estas duas dimensões do *Uno-múltiplo*. A paixão pela Unidade, comum a todos os místicos do Islã, apresenta-se como resultado da gnose e da experiência do êxtase: é paixão pela Realidade, que é o Amado e o Amante.

*“Todas as formas das imagens são reflexos na água do córrego; quando você esfrega seus olhos, certamente, todos são ele.”*

**IHU On-Line - Como dimensionar o lugar do amor na obra poética de Rûmî?**

**Pilar Garrido e Pablo Beneito** - O amor é a origem e o segredo da existência. Quem pode ver com o coração contempla o modo em que todos os seres almejam sua origem - a unidade do amor - e são expressões do divino amor que os gera e preserva.

*“Minha religião deve viver com o amor”.*

**IHU On-Line** - Como entender, na obra de Rûmî, o tema do coração e qual a centralidade desta questão para a reflexão mística do sufismo?

**Pilar Garrido e Pablo Beneito** - O coração é o centro. Se o coração está desperto, harmoniza todas as funções humanas. Se está adormecido, não há verdadeiro conhecimento. É a chave do conhecimento que vincula todos os mundos e faculdades: desde o intelecto e o espírito à imaginação e à alma, ou o corpo e a percepção sensível. Sem coração, as dimensões do real estão divididas. O coração restaura a Unidade essencial, a continuidade do diferenciado.

*“Vindo do coração, o lugar de Deus contemplado! Embora não seja assim agora, pode ser feito assim.”*

**IHU On-Line** - Como sinalizar a centralidade da oração no conjunto da obra de Rûmî?

**Pilar Garrido e Pablo Beneito** - A vida de Rûmî é uma vida de constante oração. Além da oração ritual, cada hábito, cada verso, cada ato humano, cada giro, cada palpite de amor orientado desde o Amado, é oração. A oração - salat, du'a, dhikr -, como comunicação com a Unidade a partir da diversidade, como vínculo com o Absoluto do mundo das relações particulares, é o domínio por excelência do sufismo. Rûmî nos convida a entender que a existência consciente em presença da Unidade é oração. Em sua interioridade, todos os seres constantemente oram.

*“Apesar de tudo, você vê também Deus neste momento, em seus efeitos e atos. Cada instante você vê algo diferente, porque nenhum de seus atos assemelha-se a qualquer outro.”*

**IHU On-Line** - Como situar o lugar do despojamento na reflexão de Rûmî?

**Pilar Garrido e Pablo Beneito** - A consciência da Unidade acarreta em desapego que consiste em não identificar-se com nada que signifique um obstáculo para o amor, um distanciamento do ilimitado. Despojar-se de apegos e atributos é permanecer aberto e livre. Os ensinamentos de Rûmî convidam a despojar-se do véu da ilusão, da identificação limitadora com o eu relativo acidental: só assim pode o ser humano chegar a conhecer o significado e a essência de seu ser.

*“Eu morri sob os pés de seu amor. Não, eu disse errado: ele é quem está vivo e através dele posso nunca morrer.”*

**IHU On-Line** - Quais são as mensagens mais importantes deixadas por Rûmî, e que permanecem atuais para o nosso tempo?

**Pilar Garrido e Pablo Beneito** - O sentido de nossa vida é realizar a experiência do supremo amor. Qualquer tendência que nos afaste da harmonia que conduz à realização da Unidade é dispersão. Quem se concentra na escuta do coração e chega a amar a existência pode contribuir para que outros participem da harmonia que essa experiência suscita. Assim, o diálogo se funda não na tolerância com respeito à moléstia que o outro possa significar, mas no profundo reconhecimento da providencial necessidade do outro enquanto divina expressão do Amor.

*“O gosto do leite e do mel reflete o coração; a doçura de cada coisa doce deriva-se do coração. Assim, é o coração a substância e o acidente do mundo. Como deve a sombra do coração ser o seu objetivo?”*

## “Rûmî se utiliza do poder soberbo das metáforas”

ENTREVISTA COM MARCO LUCCHESI

*Inspirado na poesia e na mística sufi, o professor e poeta Marco Lucchesi concedeu a entrevista que segue à IHU On-Line por e-mail, falando sobre a importância e a contribuição de Rûmî e sua obra poética. Lucchesi é graduado em História pela Universidade Federal Fluminense, mestre e doutor em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pós-doutor pela Universidade de Colônia. Atualmente, é professor adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, atuando principalmente com temas que envolvem filosofia, literatura italiana, neoplatonismo e teoria literária.*

*Marco Lucchesi é autor de vários livros, entre os quais citamos A sombra do Amado (Rio de Janeiro: Fissus, 2000); Caminhos do Islã (Rio de Janeiro: Record, 2002); e Esphera (Rio de Janeiro: Record, 2003). Está para ser lançado nos próximos meses, pela Editora Fissus, o livro O canto da Unidade, em parceria com Faustino Teixeira, com poemas de Rûmî traduzidos ao português.*



**IHU On-Line - Como avaliar o significado e a atualidade de Rûmî para a mística contemporânea?**

**Marco Lucchesi -** Como a de um Oceano. A longa superfície é uma escolha. A outra é a do abismo. E ambas guardam seus riscos. A obra de Rûmî sabe a vastidão. E nela não são pequenos os desafios. Tanto os de interpretação quanto os de tradução. Eles têm a força de um enigma. E de um raio. Talvez mil. A alegria de quem encontra um tesouro submerso. E que não canta apenas uma parte, uma língua, um povo. Mas, acima de tudo, a humanidade. Místico que diz ter vencido o dois e beijar com seus lábios o Um. Em tempos atroztes como os nossos, vencer o Dois<sup>20</sup> parece a tarefa mais dramática...

<sup>20</sup> *Vencer o Dois* é uma expressão misteriosa de Rûmî e significa vencer a dualidade. (Nota do entrevistado)

**IHU On-Line - Rûmî é um místico que retoma os valores mais essenciais do cristianismo e do islã, sem deles nada renegar, favorecendo a percepção de uma dimensão integralmente fraterna e ecumênica. Qual é a importância concedida por Rûmî ao diálogo inter-religioso?**

**Marco Lucchesi -** Exatamente. Quem sabe se não o transformamos nesse Patrono do Diálogo. Ele com Juan de la Cruz<sup>21</sup> - por tardes infindáveis - conversando. Massignon e Ibn Arabi. Permita-me esses devaneios. E o

<sup>21</sup> **Juan de la Cruz (1542-1591):** poeta e religioso espanhol. Mais conhecido como San Juan de la Cruz, trabalhou desde jovem num hospital e recebeu formação intelectual no Colégio Jesuíta de Medina del Campo. Estudou artes e filosofia na Universidad de Salamca, onde em 1567 conheceu Santa Teresa de Jesus, com quem fundou a ordem das carmelitas. (Nota da *IHU On-Line*)

maravilhoso é que Rûmî não se anula para dialogar. E nem tampouco se fecha para a maravilha do Outro. Ele vai ao seio da tradição abramica. Mas não com argumentos espessos, do tipo matéria e matéria de quantidade, ou do tipo causa eficiente e causa final. Não. Ele se utiliza do poder soberbo das metáforas. Vinho. Ebriedade. Amor. Riachos. Oceanos e Moinhos.

***IHU On-Line - Como decifrar a paixão de Rûmî pela Unidade? E como ele articula esta paixão com sua abertura generosa à pluralidade do real?***

**Marco Lucchesi** - Não aumenta nem diminui. Não apequena. Nem distorce. O perigo? Devastar a beleza das diferenças. Outro, ainda? Dissolver a beleza e a saudade do Todo. Ele está no centro desse desafio. Ama a parte e o todo. O rosto atual e o rosto futuro. Todas as línguas. E aquela de Deus. Essa é a parte mais bela e essencial de sua obra. O canto da Unidade. A beleza de cada pérola. De uma só pérola. E o universal latente que se esconde (ou se revela) em cada concha aberta.

***IHU On-Line - Como dimensionar o lugar do amor na obra poética de Rûmî?***

**Marco Lucchesi** - Da tradição persa, Rûmî assume todas as metáforas conhecidas, ou todas as expressões consagradas sobre o amor para torná-las suas. Como fez San Juan de la Cruz com o Cântico Espiritual. Nenhuma novidade diante da tradição. Mas o selo de sua profunda beleza nasce de uma compreensão difusa de um mundo banhado de luz, atravessado pelo amor da unidade que se articula em todos os plurais.

***IHU On-Line - Como sinalizar a centralidade da oração no conjunto da obra de Rûmî?***

**Marco Lucchesi** - Faustino Teixeira, o meu querido amigo e tremendo teólogo, já respondeu a essa questão de modo belíssimo. Já não me atrevo a dizer mais. A não ser a respeito do efeito multiplicador da

oração de Rûmî, da flauta, da poesia e da dança. Como uma masbaha<sup>22</sup> profunda, cravada em seu espírito, em que o estado de oração não se constitui numa interrupção diante do real. Mas o real em si mesmo é um canto de amor jamais interrompido.

***IHU On-Line - Como situar o lugar do despojamento na reflexão de Rûmî?***

**Marco Lucchesi** - Como não lembrar aqui de São Francisco<sup>23</sup>? Como não evocar a liberdade de todas as solidões? O salto no abismo. A entrega total e absoluta. Tão necessária e tão incomparável nas solidões de todos os desertos. Não só os de pedra e a areia. Mas o estado de deserto, seja qual for a sua geografia. Porque o deserto não é uma questão de geografia.

***IHU On-Line - Quais são algumas das mensagens mais importantes deixadas por Rûmî e que permanecem atuais para o nosso tempo?***

**Marco Lucchesi** - Insisto na relação entre beleza e verdade. Sentimento de pertença a uma tradição. E, ao mesmo tempo, de liberdade e criação, a partir desse ponto de vista. Morrer. E morrer de amor. Pela diferença, das línguas (por ele freqüentadas). E todos os rostos. Quaisquer. E cada um deles. Mas desde que rostos. E como disse Faustino, o canto da Unidade...

***IHU On-Line - Rûmî destaca-se como um dos místicos que mais acentuou o traço da generosidade divina. Qual é a importância desta questão nestes tempos de fundamentalismo religioso?***

**Marco Lucchesi** - Absoluta. E mesmo que através de Rûmî se propusesse uma releitura do Alcorão.

<sup>22</sup> Terço islâmico. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>23</sup> **São Francisco de Assis (1181 - 1226):** nasceu em Francesco Bernardone, foi um Santo vindo de uma família de comerciantes. Em Assis ficou conhecido como Francisco, ou seja, o "pequeno francês". (Nota da *IHU On-Line*)

Distinguindo-se a pequena da grande Jihad. Ou, então, a idéia de que cada comunidade tem o seu profeta. Que que cura) é o maior santo de todos os tempos (para o Islã). Bastava ler o Alcorão com atenção e amor, que os melhores muçulmanos dedicam à surata<sup>24</sup> da Gruta! A dimensão da Esperança.

**IHU On-Line - O senhor traduziu cerca de 30 poemas de Rûmî para o livro que está sendo lançado no Brasil. Poderia falar sobre a questão da tradução de Rûmî para o português? Qual é a especificidade da tradução da poesia mística?**

Marco Lucchesi - Eu já havia traduzido um livro antes. *A sombra do amado*<sup>25</sup>, para a editora Fissus. Trabalhei agora com o texto persa original, de Furuzanfar. E, a meu lado, uma figura indispensável, um homem nobre e um grande conhecedor da poesia persa, Rafi Mussavi. Assinamos juntos a tradução. Rafi nasceu no Irã e domina igualmente o português. Estudou na Sorbonne. Respeitamos o original. Mas decidi por manter os 30 rubaiatas<sup>26</sup> com as formas livres, mas com a métrica bem severa. A dificuldade é a de trazer para uma língua aglutinante outra não-aglutinante. E depois, a leitura de Rûmî se constitui num desafio. Estudei o persa como um desesperado. Mas a dificuldade é sempre imensa. Abraçar e traduzir o Pensamento. O canto de seu pensamento.

todos os profetas são portadores da mensagem de Deus. Que Jesus (Rûmî dizia: o Doutor Jesus, de doutor, médico

---

<sup>24</sup> Sura ou *surata* é nome dado a cada capítulo do Alcorão. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>25</sup> LUCCHESI, Marco. RUMI, Jalal Ud-Din. *A sombra do amado* (Rio de Janeiro: Fissus, 2000). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>26</sup> Rubaiatas: quartetos persas e árabes. (Nota da *IHU On-Line*)

## Rûmî: um apóstolo do ecumenismo

ENTREVISTA COM MARIO WERNECK

*“O amor é a matriz geradora de todo o pensamento poético-místico de Rûmî”, afirma Mario Werneck em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line. Mario Guimarães Werneck Filho possui graduação em Filosofia, pela Universidade Federal de Juiz de Fora, e mestrado e doutorado em Ciências da Religião, pela mesma instituição.*

**IHU On-Line - Qual é a importância concedida por Rûmî ao Diálogo Inter-Religioso?**

**Mario Werneck** - Rûmî é por muitos considerado um apóstolo do ecumenismo. Em suas histórias, encontram-se mensagens que, de uma maneira clara, ou por vezes alusiva, conduzem o leitor a descobrir o sentido mais pleno da alteridade, pelo reconhecimento, através da via do Amor, da Verdade maior que abarca as tradições. É importante também lembrar o ambiente cultural em que Rûmî viveu. Kônja era uma cidade cosmopolita por excelência, onde sábios, filósofos e figuras eminentes das mais variadas tradições para lá confluíam, trazendo ensinamentos do Oriente e do Ocidente. Os biógrafos de Rûmî sempre lembram os colóquios amigáveis que ele mantinha com monges cristãos. Isso transparece em alguns de seus textos, onde ele evoca sabedorias cristãs de maneira singular.

*No vinho do cristão estão escondidas cem substâncias espirituais,  
do mesmo modo que a soberania espiritual está oculta  
sob o fraque do derviche.*

Creio que a mensagem que Rûmî traz para o diálogo inter-religioso hoje, seja a de um respeito ingente pelo outro, vivido numa dinâmica relacional de amor. Isso aponta para a existência de formas dialogais que se situam para além das convencionais. Rûmî aponta para a

existência de uma significação pré-formal constitutiva de toda criatura, um transfundo que a tudo recobre e que é percebido como halo envolvente que a tudo abarca. Este sopro primordial ao nascer continuamente na criação opera nesta as transformações que a fundamentam. Ao identificar esta força com o Amor, Rûmî traz para o mundo fenomênico um aspecto relacional transcendente. É isso que ele diz no Masnavi<sup>27</sup>:

*Visto que o objeto do louvor Ele-mesmo  
Não é mais que Um,  
Deste ponto de vista todas as religiões não são mais  
que uma só religião.*

**IHU On-Line - Como dimensionar o lugar do amor na obra poética de Rûmî?**

**Mario Werneck** - O Amor é a matriz geradora de todo o pensamento poético-místico de Rûmî. É, pois, tema-chave para se entender toda a dinâmica de sua mística. Porém, quando ele fala do Amor, este não deve ser entendido, apenas, como um sentimento físico ou categoria psicológica. Amor, para Rûmî, é um princípio gerador que emana diretamente do Criador (quando da palavra criadora: *Kun* = Seja!). Portanto, é algo que

<sup>27</sup> Masnavi: longo poema narrativo de Rûmî, com 25.631 versos. Os versos dedicados ao amor de Rûmî são considerados os mais profundos de toda a literatura islâmica. (Nota da *IHU On-Line*)

engloba todas as coisas criadas e têm o poder de transformá-las, já que delas é parte integrante. Vive nelas como memória sagrada de um tempo (trans-histórico) onde só havia o Uno indiferenciado. Toda a criação em seus múltiplos aspectos está fervilhando de Amor e isso pelo fato d'Ele ser o plasmador de todo cosmos. Assim, o universo todo inteiro em profusão e movimento é impelido pelo Amor. Por isso Rûmî sempre relembra que fomos gerados no Amor, crescemos no Amor e morremos tendendo ao Amor.

Mas, paradoxalmente, ainda que para Rûmî o Amor seja o centro de toda sua poesia mística, ele afirma no Masnavi:

*Se eu continuasse a descrever o amor,  
uma centena de ressurreições passariam  
e minha descrição restaria incompleta.*

Em muitos versos do Divân<sup>28</sup> ele termina em silêncio (*khamush*). Por exemplo, ele diz:

*Silêncio, dizes muito  
E ninguém entende  
De qual morada ressoa este tambor?  
D'onde vem esta palavra?*

Eis aí os mistérios do Amor, talvez seja por isso que o Amor tenha sido colocado no coração da criação, como uma partícula latente. Desvelo é seu signo.

**IHU On-Line - Como entender, na obra de Rûmî, o tema do coração e qual a centralidade desta questão para a reflexão mística do sufismo?**

**Mario Werneck** - Para o sufismo, e também para a mística cristã, por exemplo, em Marguerite Porete<sup>29</sup>,

<sup>28</sup> **Divan**: livro escrito por Rûmî no século XIII, com mais de 3.239 versos, é dedicado ao seu mestre, Shams de Tabriz. (Nota da *IHU On-Line*)

Basílio de Cesaréia<sup>30</sup> e João da Cruz<sup>31</sup>, o coração é um lugar central, posto que é identificado com o espelho, que, se polido, é capaz de refletir toda beleza do Amado pelos olhos do amante. Assim, o sufismo identifica o coração (*qalb*) como o lugar das manifestações teofônicas. É nele – enquanto portador da centelha divina do Amor - e através dele - pelo processo de profunda purificação, onde se transcende a dualidade eu-tu - que o místico ascende a um estágio que Rûmî chama de ressurreição espiritual, ou segundo nascimento. Nasce-se uma primeira vez enquanto forma e espírito. Com o progressivo exercício dos ensinamentos espirituais, pode-se atingir a mirada de Deus, pois como diz Rûmî no *Fîhi-mā-Fihî*<sup>32</sup>: “O ser humano é o astrolábio divino”.

O coração é, portanto, este lugar de possibilidade de mudança. É lá onde estão as matrizes ancestrais que irmanam a criação em um princípio único. É lá que se

<sup>29</sup> **Marguerite Porete** (1255-1310): autora francesa de *The mirror of simple souls*. Após um longo julgamento, acusada de heresia, ela foi queimada na fogueira em Paris no ano 1310, por ter se recusado a tirar seu livro de circulação. O livro é citado como um dos primeiros textos medievais da heresia do espírito livre. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>30</sup> **Basílio de Cesaréia**: Padre da Igreja, teólogo e escritor cristão do século IV. Personalidade fértil, atuante na reflexão filosófica, teológica e mística, na produção literária, no expor suas idéias, através de cartas, sermões, tratados, na organização e na administração das comunidades de sua diocese, ganhou o título de “Magno”. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>31</sup> **São João da Cruz** (1542-1591): foi um frade carmelita espanhol, famoso por suas poesias místicas. Compôs trabalhos onde encontramos profundas expressões místicas em tratados, em forma de poemas com comentários teológicos. Entre estes poemas, incluem-se “Cântico espiritual”, “Ascensão ao Monte Carmelo”, “Chama de amor” e “Noite sombria da alma”. Através destes, apresenta o desenvolvimento da alma humana através da purgação, iluminação e união com Jesus. A editora Vozes, de Petrópolis/RJ, publicou em português *As obras de São João da Cruz*, sendo que a sétima edição é de 2002. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>32</sup> **Fîhi-mā-Fihî** (Rio de Janeiro, 1993): coletânea de ensinamentos deste que é um dos grandes porta-vozes da mística islâmica. (Nota da *IHU On-Line*)

deve postar a alma (*nafs*) para que reconheça sua qualidade angélica. Por isso, Rûmî sempre convida a que se observe o universo criado, pois:

*Cada ar, cada átomo está ligado à visão de Deus.  
Mas até que ela seja aberta, quem dirá:  
‘Lá embaixo se encontra uma porta’!  
A menos que o Observador abra a porta,  
Esta idéia não nasce no coração dos homens.*

Mas, para abrir esta porta e iluminar esta idéia seminal, é preciso passar pelas etapas profundas da via mística.

#### **IHU On-Line - Como sinalizar a centralidade da oração no conjunto da obra de Rûmî?**

**Mario Werneck** - Toda obra de Rûmî é uma oração. Basta dizer que na província do Sind, no Paquistão, alguns místicos se alimentavam espiritualmente com três livros: O Corão, o Divan de Hafiz<sup>33</sup> e o Masnavi de Rûmî.

A oração reveste-se para Rûmî no mais curto caminho para Deus. Certa vez, um discípulo perguntou a ele qual era o caminho mais curto para se aproximar de Deus, e Rûmî respondeu: “A Oração”. A oração (*dhikr*) é um modo de clarear a luz do espírito, pois a palavra *dhikr* (ato interior de lembrar e pensar) é rememoração constante dos nomes de Deus.

No Corão é dito: “Ó Crentes, mencionai freqüentemente a Deus”, esta é a força da oração. É por meio desta salmodia encadeada que se atualiza a presença de Deus, e aqui que se pode sentir o ser de Rûmî mais candentemente apaixonado; fervendo, como ele diz, de paixão (*ishq*) pelo Amado. Seu *dhikr* tornou-se *samā*, a dança cósmica da Unidade; o bailado celestial

<sup>33</sup> **Divan de Hafiz**: obra do poeta persa Hafiz em forma de ghazal, pela qual aperfeiçoou a sua forma típica. A partir de Hafiz, é costume o poeta revelar o seu nome no final da composição. (Nota da *IHU On-Line*)

movimentador do cosmos, equacionando a ação feita no plano deste mundo fenomênico com a harmonia cósmica. Unificando as forças antagônicas que regem o movimento dos corpos celestes: o Todo e a parte mesclados naquilo que têm de divisível e indivisível.

#### **IHU On-Line - Como situar o lugar do despojamento na reflexão de Rûmî?**

**Mario Werneck** - O despojamento está sempre relacionado com o desapego de si. É importante ressaltar que Rûmî não prega uma vida monástica nem, tampouco, uma pobreza material. A pobreza de Rûmî tem um sentido ontológico, semelhante àquela de Eckhart<sup>34</sup>. Ele sempre relembra que “não há monges no Islã”, o que não significa que seus métodos sejam menos piedosos. Casado e com filhos, passava horas em recolhimento e oração. Estando junto ao seu mestre Shams de Tabriz, passava dias em profundo jejum e união mística. O despojamento em Rûmî, portanto, é o desapego a pensamentos e desejos que distanciam o buscador da meta. Importante também lembrar que Rûmî, em seus

<sup>34</sup> **Mestre Eckhart (1260-1327)**: nasceu em Hochheim, na Turíngia. Em sua obra, está muito presente a unidade entre Deus e o homem, entre o que consideramos sobrenatural e o que achamos ser natural. É um pensamento holístico, pois. Para Eckhart, devemos reconhecer Deus em nós, mas este caminho não é fácil. O homem deve se “exercitar nas obras, que são seus frutos”, mas, ao mesmo tempo, “deve aprender a ser livre mesmo em meio às nossas obras”. Em 1329, foi dada ao público a bula *In agro dominico*, através da qual o Papa João XXII condenou vinte e oito proposições do Mestre Eckhart. Das vinte e oito, dezessete foram consideradas heréticas e onze, escabrosas e temerárias. Entre estas, estava a de que nos transformamos em Deus. Mas esta condenação papal justifica-se, na medida que as idéias de Eckhart tinham uma dimensão revolucionária. Elas foram acolhidas pelas camadas populares e burguesas, que interpretavam o apelo eckhartiano à interioridade da fé e à união divina como uma rebelião implícita à exterioridade “farisáica” de uma hierarquia e de um clero moralmente decadente. Sua herança influenciou, entre outros, significativamente, a Martinho Lutero. Sobre o tema *Místicas*, conferir o tema de capa da *IHU On-Line* número 133, de 21/03/2005, intitulado *Delicadezas do Mistério. A mística hoje*. (Nota do *IHU On-Line*).

belos poemas, canta as maravilhas da criação. Não existe nele nenhuma idéia de “saída” do mundo, mas existe, sim, uma contundente crítica aos seres humanos (criados à imagem e semelhança de Deus), que se deixam levar por suas próprias criações, que mais não são que simulacros que funcionam como véus para a visão da Verdade. Por isso, é preciso perceber em sua mensagem que é necessário estar no mundo, sem se identificar com o mundo. O verdadeiro desprendimento é saber que:

*Quando o ar da pobreza está no interior de alguém  
Este repousa em paz sobre as águas desse mundo.*

Pela pobreza de cunho ontológico a criatura percebe sua pequenez ante o Criador.

**IHU On-Line - Quais são algumas das mensagens mais importantes deixadas por Rûmî e que permanecem atuais para o nosso tempo?**

**Mario Werneck** - Acho que são várias e que se resumem a uma: Amor. A história da evolução do espírito descrita por Rûmî é uma narrativa que convida a pensar no itinerário da criação, como sendo uma composição de conhecimento de leituras de linguagens, e conhecimento de leituras de formas, já que ambas confluem, ou se plenificam, no “ápice da criação”, como ele mesmo diz, que é o gênero humano. A mística de Rûmî é atual, porque toda mística é atual. Toda mística somente faz sentido quando é presença; para o místico não há passado ou futuro, posto que tudo é presença. Esta é uma das mensagens de Rûmî: a de que tudo é presença. É por este motivo que tudo deve ser cuidado. *“Tudo é uma gota de Sua beleza, que por causa de Sua plenitude não pode ser contida sob a pele”*. Face aos tempos de tribulações Rûmî escreve: *“Tudo tem diferentes partes”*. E essa observação remete a que se pense com ele: *“Se estás em peregrinação busca um peregrino como companheiro, seja ele hindu, turco ou árabe. Não*

*considere seu aspecto ou sua cor, considera seu desígnio e sua intenção”*. Pois no mundo criado é primordial observar que *“todas as criaturas, dia e noite revelam Deus”*. Isso remete à ecologia e a um tipo de conhecimento relacional. O ser humano guarda a memória sagrada (*“o amor das estrelas foi implantado na alma”*), e, então, cada parte desse organismo vivo, que é o ser humano, compartilha com o cosmos. E nessa perspectiva, o pensamento de Rûmî abre a possibilidade para a fundação de uma nova realidade, isso sem falar também da noção de equilíbrio entre os opostos, tão cara ao mestre. Mas acho que, primordialmente, Rûmî acena para uma revolução criativa na relação Eu-Tu, a partir da palavra amorosa.

**IHU On-Line - Rûmî destaca-se como um dos místicos que mais acentuou o traço da generosidade divina. Qual é a importância desta questão nestes tempos de fundamentalismo religioso?**

**Mario Werneck** - Rûmî, às vezes, refere-se a Deus como sendo *“mina de generosidade”*. Isso, para nossos tempos, implica em mudança radical no trato com o outro, ou seja, em reaprender a generosidade (assim como outras virtualidades), tirá-la dos grilhões que insistem em mantê-la num estado de inércia até seu pleno esquecimento pelo gênero humano, em comportamentos de absoluta irresponsabilidade. Se a generosidade é traço do divino, ela é, pois, força potencial na criação. Não é, então, a máxima generosidade de Deus o ato da criação? Na criação, Deus gera um diferente para com Ele se comunicar. A criação é, em si, a máxima abertura ao Outro. Ora, um tal ensinamento, quando trazido do nível ontológico para o prático, tem profundas e ricas implicações. Uma delas (ligada diretamente ao monoteísmo) é que, enquanto criaturas, nos sabemos oriundos da mesma Fonte primeira. Um traço que nos faz fruto de um mesmo núcleo; núcleo que, ao se disseminar, soltou seus

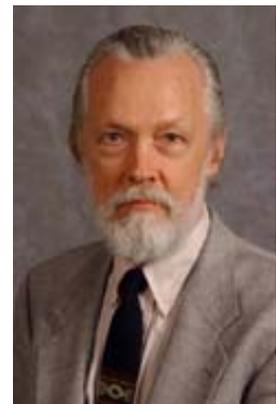
fragmentos que se fizeram modos diferentes de existir. Veja! Modos diferentes de um mesmo Núcleo e Rûmî dirá: “*Se o mundo te parece vasto e sem fundo, saiba que para o Onipotente ele não é mais que um átomo*”.

Em tempos de fundamentalismo, a grande generosidade Divina ensina compartilhar; ensina que não há eu em si independente, e que a relação é fundamento de existência.

## Rûmî no contexto da mística e da tradição islâmica

ENTREVISTA COM WILLIAM CHITTICK

*Ao se referir à poesia de Rûmî, o professor William Chittick, especialista no pensamento sufi e em filosofia e literatura islâmica, descreve: “Sua linguagem é bela, sua imaginação é cativante, suas similitudes e analogias inspiram amor; quando sua poesia é bem recitada ou cantada em persa, ela é tão bela que embriaga os ouvintes. De vez em quando, a beleza da alma de Rûmî brilha através de sua poesia e de seus ensinamentos, e é isso que ateia fogo nos corações do povo”. O professor fez essa e outras afirmações na entrevista exclusiva que concedeu por e-mail para a IHU On-Line, onde também relacionou a crença muçulmana em Deus com o poeta que inspira a matéria de capa desta edição. No entanto, para Chittick, um dos problemas é que “Rûmî é geralmente percebido como alguém que apareceu na história apesar do Islã, e não por causa dele. Enquanto ele não for recolocado em seu contexto histórico e cultural, as pessoas continuarão a lê-lo como outra voz excepcional de generosidade, uma singularidade na história islâmica”.*



*Chittick nasceu em Connecticut, EUA, e cursou Ph.D. em literatura persa na Universidade de Teerã em 1974. Ensinou religião comparada no departamento de Humanidades da Tehran's Aryamehr Technical University e é professor na State University of New York at Stony Brook. É autor e tradutor de vinte livros e mais de cem artigos sobre o pensamento islâmico e sufismo. De suas obras citamos The Sufi Doctrine of Rumi: An Introduction (Tehran, Iran: Aryamehr University, 1974) e The Sufi path of love: the spiritual teaching of Rumi (New York: State University of New York Press, 1983).*

**IHU On-Line - Rûmî tem algo de significativo a dizer para alguém que vive no mundo moderno e deseja engajar-se numa “busca mística”?**

**William Chittick** - Se Rûmî foi um místico, deveríamos entender que ele conquistou um nível de conhecimento e iluminação que o põe em constante contato com a sabedoria divina, tornando-o um condutor de graça e orientação. Poderia Rûmî oferecer alguma ajuda a quem quisesse ser místico hoje em dia? Ele certamente pode providenciar orientação, como, por exemplo, para o objetivo da busca, os riscos do passado e as linhas de orientação que precisam ser seguidas para evitar danos. Porém, para ser mais específico do que isto, eu precisaria escrever um livro detalhando seus ensinamentos, o que eu já fiz - brevemente em *The Sufi doctrine of Rumi*<sup>35</sup> e, com mais detalhes, em *The Sufi path of love*<sup>36</sup>.

**IHU On-Line - O que desperta admiração na poética de Rûmî?**

**William Chittick** - Geralmente, é a beleza. E o que faz Rûmî tão especialmente atraente é sua ênfase na importância da beleza, não só teoricamente - já que ele expõe sua importância com muitos detalhes -, mas também na prática. Sua linguagem é bela, sua imaginação é cativante, suas similitudes e analogias inspiram amor; quando sua poesia é bem recitada ou cantada em persa, ela é tão bela que ela embriaga os ouvintes. De vez em quando, a beleza da alma de Rûmî brilha através de sua poesia e de seus ensinamentos, e é isso que ateia fogo nos corações do povo.

**IHU On-Line - Como descrever a paixão dos muçulmanos por Deus?**

---

<sup>35</sup> *The Sufi Doctrine of Rumi: An Introduction* (Tehran, Iran: Aryamehr University, 1974). (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>36</sup> *The Sufi path of love: the spiritual teaching of Rumi* (New York: State University of New York Press, 1983). (Nota da *IHU On-Line*)

**William Chittick** - Poderia parecer a estranhos, quando ouvem algo sobre os fundamentos do Islã, que a teologia islâmica é seca e estéril e bem pouco inspiradora. “Eu desejo um Deus que eu possa envolver e abraçar”, diz um teólogo cristão amigo meu. Esta é uma interpretação totalmente errônea da compreensão dos muçulmanos sobre Deus, baseada amplamente nas teologias racionais produzidas por certo tipo de influentes apologetas sobre a história islâmica. Contudo, não foram estas teologias que inspiraram os fiéis muçulmanos, mas, antes, a beleza de Deus, que o Corão celebra de diversas formas e que é cantada quase constantemente na poesia islâmica e, não por último, na de Rûmî.

Quando o povo ouve que o ensinamento fundamental do Islã é tawhîd<sup>37</sup>, a asserção da divina Unidade, e que tawhid é expresso na sentença “(Não há) deus(es), mas Deus”, ele se admira o quanto esta branda asserção pode despertar paixão e amor. Eles precisam entender que isso não é propriamente um dogma, ou uma asserção sobre o modo como as coisas são, mas muito mais um guia sobre como pensar a respeito de Deus e como desenvolver a própria relação com Deus. Tais pessoas deveriam prestar atenção para as meditações de Rûmî e de incontáveis outros muçulmanos sábios e santos que explicam a natureza da Unidade.

Deus assim nos fala: o Corão possui “os mais belos nomes” (al-asmâ al-husnâ), como Uno, Vivo, Conhecedor, Misericordioso, Compassivo, Poderoso, Desejoso, Amante, Perdoador. Todos estes nomes podem ser adequadamente inseridos na fórmula da Unidade, já que a divina Unidade significa que “não há nada realmente uno senão Deus, nada vivo senão Deus, nada conhecedor

---

<sup>37</sup> Tawhîd: é um conceito central no Islã que se refere à crença na unicidade de Deus. A palavra é uma forma verbal que significa “proclamação do Único”, isto é, afirmar que é Deus único. (Nota da *IHU On-Line*)

senão Deus, nada amante senão Deus”, e assim por diante. Sob certo aspecto, isso significa que somente Deus é real, e todas as qualidades reais, toda a realidade pertence exclusivamente a Deus. Sob outro aspecto, isso significa que cada vestígio de realidade encontrado em qualquer coisa só pode ser uma concessão de Deus. Na linguagem corânica, cada coisa que existe é um “sinal” (âya) de Deus. Na linguagem filosófica, o cosmo e tudo o que ele contém é “contingente” em relação a Deus, e somente Deus é Necessário, o que significa que somente Deus é por Si mesmo, com nada a apoiá-lo.

O Corão se refere à contingência de tudo o que existe como “pobreza”, como a eterna necessidade de todas as coisas por Deus que é unicamente o “Rico”. Por isso, o Corão diz, num versículo que explica porque os “místicos” muçulmanos se chamam a si mesmos de “povo pobre” (faqîr, darvish): “Ó povo! Vós sois os pobres diante de Deus, e Deus é o Rico, o digno de louvor” (35:15). Isto é para dizer que, em nossa situação atual, nada temos por nós mesmos. Porque carecemos de conhecimento e compreensão, nós pensamos que temos algo e nos apegamos à “nossa” existência, “nossas” posses, família, amigos, amados, carreiras etc. Porém, nossa “necessidade” por essas coisas é de fato nossa necessidade por Deus. Além disso, nossa pobreza diante dos outros é de fato nossa pobreza diante de Deus, pois os assim chamados “outros” nada são senão sinais e contingências do Uno. Rûmî nos recorda constantemente que todos os nossos amores e desejos são, de fato, um só amor e um só desejo.

Assim, a paixão de Rûmî pelo Uno está enraizada em sua compreensão de que existe apenas Uma Realidade. Ele direciona todas as suas paixões, todos os seus amores, todos os seus desejos, todas as suas necessidades, toda a sua fome, sua sede e suas aspirações, e enfoca tudo isso num único Ponto, que é o

Uno, aquele que Só Ele É. Esta fonte da paixão de Rûmî é simplesmente sua compreensão do caminho que as coisas são, e sua compreensão de que as necessidades humanas são feitas segundo a imagem de Deus, e que estas vontades e desejos nada mais são do que a manifestação do infinito Desejo do Uno de torná-lo conhecido.

A senda da “mística” é exitosa para o nível no qual eles estarão aptos a erradicar de sua visão os falsos desejos e aspirações, substituindo-os pelo amor ao Uno. Este é precisamente o tawhid na prática, um ponto que Rûmî esclarece nestas linhas, que empregam a fórmula do tawhid:

*A alegria e a mágoa dos amantes é Ele,  
Seu ordenado e salário pelo serviço é Ele.  
Se eles contemplarem algo diverso do Amado,  
Isso não seria amor, mas inútil paixão.  
O amor é a chama que, quando se incendeia,  
Queima tudo, exceto o Eterno Amado.  
Ele usa a espada do “não deus” para tudo eliminar, a  
não ser Deus.  
Olha cuidadosamente: após o “não deus”, o que resta?  
Permanece o “porém Deus”, o resto se foi.  
Bravo, Ó grande Amor, incinerador de ídolos!*  
(Mathnawi V 586-590)

**IHU On-Line - Qual é a importância do amor na poesia de Rûmî?**

**William Chittick** - Eu já respondi a esta questão, quando mostrei que o amor é o fogo que reaviva a fórmula da Unidade, erradicando do coração e da mente tudo o que não é Deus. Porém, deixe-me expandir isso um pouco. Nós podemos entender o lugar do amor em termos de quatro princípios básicos da cosmovisão de Rûmî (que geralmente é a cosmovisão de todas as formas da teologia islâmica que tem uma apreciação da compreensão humana dos “mistérios”).

### O amor é divino

Em primeiro lugar, o amor é um atributo divino. Somente por derivação, ou metaforicamente, ele pode ser considerado um atributo humano. Antes que possamos entender o que significa o amor humano - e antes que possamos experimentar seu real poder -, nós precisamos entender o que ele significa no contexto divino. Num versículo a que Rûmî se refere com frequência, o Corão diz: “Ele os ama, e eles O amam” (5:54). Amando os humanos - “Ele os ama” - Deus é o amante. Sendo amado pelos humanos - “eles O amam” - Deus é o amado. Dado que não há deus[es], senão Deus, também não há verdadeiro amante senão Deus e não há verdadeiro amado senão Deus. Este é o ponto básico de Rûmî sobre o amor. O amor “é na realidade um atributo de Deus, e ele pertence aos humanos metaforicamente” (Mathnawi II, introdução à prosa).

### A beleza é amável

Segundo: a beleza por definição é amável. O amor não pode ser discutido à parte da beleza, porque a beleza é o objeto do amor, e a beleza não pode ser entendida à parte do amor, porque o amor é a resposta humana à beleza. Quem quer não sentir amor ante o belo carece de compreensão humana e plenitude. Eu não estou dizendo que a beleza possa ser definida. Ela não pode ser definida mais facilmente do que o amor. Mas podemos entender a importância da beleza logo que lembrarmos que a beleza é também essencialmente um atributo divino e é apenas derivadamente um atributo das criaturas. Assim como não há verdadeiro amante nem verdadeiro amado senão Deus, assim também não há verdadeira beleza senão Deus. Este é o sentido do famoso hadith<sup>38</sup>: “Deus é belo, e Ele ama a beleza”. Se

<sup>38</sup> Hadith: corpo de leis, lendas e histórias sobre a vida de Muhammad os próprios dizeres nos quais ele justificou as suas escolhas ou ofereceu conselhos. Muitas partes da Hadith lidam com os seus companheiros

podéssemos entender nossa real situação, haveríamos de conhecer e sentir que cada amor que brota em nosso coração é, de fato e na verdade, amor pelo Belo, uma vez que não há nada belo senão Ele.

### A orientação dos profetas e santos

Um terceiro ponto básico é que não podemos amar verdadeiramente o Belo, o único objeto real do amor, sem a orientação dos profetas e dos santos. Especificamente, no contexto de Rûmî, isso significa a orientação do profeta Maomé e dos grandes mestres Sufi. Aqui, o Corão é plenamente explícito. O Livro se refere a Maomé [Muhammad] com estas palavras: “Dize: ‘Se você ama Deus, siga-me, e Deus o amará’ ” (3, 31). Não há dúvida de que os seres humanos sejam sempre objeto do amor de Deus, porém este amor não se torna transformador sem que o povo lhe responda. Deus nos ama, ou, caso contrário, Ele não nos teria criado e Ele não teria revelado os caminhos de orientação e guia. Não obstante, dizer que Deus ama a nós todos é exatamente o mesmo que dizer: “Ele está contigo, onde quer que estejas” (Corão 57: 4). De fato, Deus está conosco onde quer que estejamos; nosso problema é que nós não estamos com Ele. De fato, Deus nos ama; nosso problema é que nós não O amamos em resposta. No sentido de estarmos como Ele e no sentido de O amarmos como Ele deseja ser amado, nós devemos seguir a orientação profética que nos permita expressar nosso amor adequadamente e isso resulta em Seu amor por nós individualmente e especificamente. Isso somente acontecerá se nós nos engajarmos sincera e vigorosamente na senda que Shams-i Tabrizi chama, com

---

(*Sahaba*). Para a maioria dos muçulmanos, a hadith contém uma exposição com autoridade dos significados do Alcorão. A lei islâmica é deduzida dos actos, afirmações, opiniões e modos de vida de Muhammad. Muçulmanos tradicionais acreditam que os acadêmicos islâmicos dos passados 1400 anos foram bem sucedidos na maior parte em determinar a exactidão de boa parte da hadith com que lidaram. (Nota da *IHU On-Line*)

freqüência, a senda do “seguimento” (Mutāba`at), uma palavra que derivou precisamente do “seguimento” mencionado no versículo Corânico - “Se amas Deus, segue-me”. Como Shams o coloca numa passagem de seu Maqālāt<sup>39</sup>, “Aflição para aqueles que deixam de seguir Maomé!”.

### Deus vai amar-nos

Isso nos conduz ao quarto ponto básico: o fruto do seguimento de Maomé é que Deus vai amar-nos, e o fruto do amor de Deus é que nós estaremos com Deus da mesma forma como Ele está conosco. Revendo estes quatro pontos: o amor é atributo de Deus, e o amor humano existe como reflexo do amor de Deus. A beleza é atributo de Deus, e todo amor divino e humano é dirigido a Deus como o Belo. Quando os seres humanos entendem que seu amor é de fato direcionado para Deus, eles não têm outra escolha senão seguir a orientação profética, de modo a agirem como o amante agiria para com seu amado. Somente então eles poderão colher o fruto de serem amados por Deus. Este fruto é o que Rûmî chama freqüentemente de “união”, isto é, quando Deus ama Seu servo, o servo descobre que Deus está presente com ele, e ele está presente com Deus. Deus é o ouvido através do qual ele escuta, a visão através da qual ele vê.

**IHU On-Line - Como entender, na poesia de Rûmî, o tema do coração? De que modo esta questão auxilia a reflexão mística do sufismo?**

**William Chittick** - A compreensão de Rûmî sobre o coração (qalb, dil) é inteiramente direcionada para a compreensão corânica do coração, e esta visão está apoiada em diversas tradições, incluindo a antiga tradição judaico-cristã, a tradição hindu, e, talvez mais

---

<sup>39</sup> **Maqālāt**: única obra onde foram compilados os ensinamentos de Shams de Tabriz. No livro, Shams revela que fora discípulo do sheik Abu Bakr, de Tabriz, na Pérsia. (Nota da IHU On-Line)

famosamente, a tradição chinesa. De qualquer modo, no caso da China, os estudantes traduziram tipicamente a palavra chinesa *xin* por “mente”, embora sua primeira designação seja “coração”, ou seja, o órgão físico. O coração é, em termos islâmicos, a realidade subjacente e unitária que nos torna humanos e esta se bifurca em mente e corpo. O coração não é apenas a sede das emoções e dos sentimentos - como no Ocidente moderno -, mas também, e primariamente, a sede da inteligência e do amor, isto é, amor verdadeiro, amor real pelo Real.

De todas as criaturas de Deus, somente os seres humanos foram feitos à Sua imagem e somente eles têm a capacidade de contemplá-lo nele mesmo, porém unicamente na raiz de seus próprios corações. O verdadeiro conhecimento e despertar da consciência é, portanto, conhecimento do coração, não conhecimento da mente. A senda do Sufi é freqüentemente explicada como o processo de “polimento do coração”. A fonte corânica da imaginação (que também se encontra em outras tradições) é uma referência à ignorância e negação daqueles que têm “ferrugem” em seus corações (83: 14). O coração é um espelho de aço que deveria refletir a luz de Deus, já que o homem é feito à sua imagem. Mas, quando o espelho fica enferrujado, já não podemos mais perceber Deus em nossos corações, e assim caímos no erro e na desorientação.

**IHU On-Line - Rûmî se distingue como um dos místicos que mais acentuou o traço da generosidade divina. Qual é a importância desta questão nestes tempos de fundamentalismo religioso?**

**William Chittick** - Rûmî e o fundamentalismo não andam juntos e isso ajuda a explicar em geral a razão por que os muçulmanos “fundamentalistas” são hostis para com o sufismo, para não mencionar a arte, a música, a filosofia e, basicamente, alguns ensinamentos islâmicos que não podem ser interpretados como apelo

ao ativismo político. Para aqueles que já se decidiram, é demasiado tarde para apelar a Rûmî. Mas, para aqueles que estão em busca de um Islã alternativo - isto é, um Islã tradicional que não caia no estereótipo que nos é dado pela mídia -, Rûmî pode alertá-los sobre o fato de que o Islã produziu grandes santos, generosos corações e interpretações da situação humana que reconhecem o amor de Deus pela diversidade e Seu apelo a todos os Seus filhos, não necessariamente muçulmanos, cristãos, ou quaisquer que sejam.

Um dos problemas aqui é, por exemplo, que Rûmî é geralmente percebido como alguém que apareceu na

história apesar do Islã, e não por causa dele. Enquanto ele não for recolocado em seu contexto histórico e cultural, as pessoas continuarão a lê-lo como outra voz excepcional de generosidade, uma singularidade na história islâmica; de fato, no entanto, ele representa a corrente islâmica principal e os assim ditos “fundamentalistas” são as singularidades históricas. Eles acabaram totalmente imersos nos objetivos políticos e ideológicos visados por várias formas de modernidade e eles se tornaram completamente excluídos das vias da tradição islâmica.

*“Se o desejo é luminoso,  
o Universo, uma fornalha.  
Se o amor é puro fogo,  
homens não passam de lenha.*

*Já me lancei para o fogo,  
como a frágil mariposa,  
igual ao Deus de Abraão.  
Não sei mais sair da chama”*

# “Somente o conhecimento do coração abre as portas ao mistério de Deus”

ENTREVISTA COM CARLO SACCONI

*“Para Rûmî o intelecto, ou seja, a razão de filósofos e doutores da lei, é um instrumento imperfeito de conhecimento. Somente o conhecimento do coração abre as portas ao mistério de Deus.” A afirmação é de Carlo Saccone, da Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Padova, da Itália. Em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line, Saccone afirma que “quando Rûmî louva Deus, consegue fazê-lo com palavras de grande simplicidade e imediatez, que conseguem transmitir-nos grande parte de sua extraordinária emoção mística, o vivo sentimento de comunhão com a natureza e com todas as criaturas. A este propósito, Rûmî recorda um pouco da poesia de São Francisco, sobretudo do sentimento de amor universal”. Carlo Saccone é autor de vários livros, entre os quais citamos I percorsi dell'Islam Dall'esilio di Ismaele alla rivolta dei nostri giorni (Padova: Edizioni Messaggero Padova. 2. ed., 2003).*

**IHU On-Line - Qual é o significado e a importância de Rûmî para a mística?**

Carlo Saccone - Certamente, ainda é grandíssima na mística dos países muçulmanos. As obras de Rûmî, escritas originariamente em persa, foram traduzidas para o turco, para o árabe e para outras línguas da ecúmena islâmica, sendo estudadas e amplamente meditadas, desde a Idade Média até hoje. No Ocidente, somente no século XX chegou-se a traduções integrais (inglesas, francesas e recentemente também em italiano) do Cancioneiro e do Poema Espiritual<sup>40</sup>, mas sua difusão é ainda limitada ao restrito círculo dos estudiosos de literatura persa, ou de religiões e místicas comparadas, e aos apaixonados pela mística oriental.

**IHU On-Line - Que importância foi atribuída por Rûmî ao diálogo inter-religioso?**

<sup>40</sup> Mathnavi-ye ma'navi: O poema espiritual. (Nota da IHU On-Line)

Carlo Saccone - O diálogo inter-religioso é uma conquista contemporânea, muito recente. Na época de Rûmî, este conceito não existia nem no modo cristão nem no modo muçulmano. Com uma diferença, porém. O Corão admite que as religiões fundadas por um profeta e que se baseiem numa Sagrada Escritura ou num Livro Revelado sejam válidas. Assim, cristãos, judeus, zoroastas<sup>41</sup> (mais tarde até os hindus), já no Corão, são declarados pertencentes à “Gente do Livro” (ahl al-kitab): caso creiam em Deus e no Último Dia e façam obras boas, poderão se salvar. Os Cristãos, pelo contrário, ainda hoje afirmam o princípio *nulla salus extra ecclesiam* [nenhuma salvação fora da igreja]: embora um tanto mitigado nos últimos tempos, este princípio - que pelo menos contém um germe de intolerância - jamais foi desmentido.

<sup>41</sup> Zoroastro ou Zaratustra: profeta persa nacido em meados do século VII a. C, fundador do masdeísmo, religião adotada oficialmente pelos Aquemênidas (558-330 a. C.). (Nota da IHU On-Line)

Com frequência, encontra-se na poesia sufi<sup>42</sup> a idéia de que quem ama sinceramente Deus, não importa se cristão ou muçulmano, será também amado por Deus e salvo. A idéia foi afirmada desde os tempos de Hallaj<sup>43</sup> (+922), e é retomada por muitos sufi até o grande Ibn ‘Arabi, o místico andaluz que viveu no século XIII, e continua a ser corrente em várias confrarias. Também Rûmî compartilha desta idéia, e, em seu cancionero, são freqüentes imagens e personagens cristãos (a cruz, Jesus, Maria). Particularmente cara à poesia sufi e, portanto, também a Rûmî, é a figura de Jesus, que sempre é trazido como modelo de pobreza e santidade. Este último aspecto, a veneração de Cristo entre os sufi (e também no Islã em geral), é bastante desconhecido no Ocidente, o qual, no entanto, desde a Idade Média, sempre tratou com grande superficialidade a figura de Maomé, fundador do Islã. Enquanto os monges sufi veneravam e “imitavam” a pobreza de Cristo, os nossos monges, na Idade Média, escreviam com freqüência obras polêmicas, repletas de ódio, insultos e ofensas gratuitas a Maomé, as quais, ao lê-las hoje, nos fazem sentir vergonha... Para um diálogo inter-religioso mais eficaz, dever-se-ia rever este passado. Rûmî pode ser uma útil leitura também neste sentido.

### ***IHU On-Line* - Por que a poesia de Rûmî é tão admirada?**

**Carlo Saccone** - Tantos poetas persas da Idade Média se exercitaram, sobretudo, no panegírico, ou seja, nos louvores do príncipe ou rei, de quem dependiam economicamente e que, por isso, eram generosamente

<sup>42</sup> **Poesia sufi**: uma das formas da filosofia sufi de contato o divino e autoconhecimento, junto das práticas meditativas, reclusão, danças, poesia e música. Os sufis acreditam que Deus é amoroso e o contato com ele pode ser alcançado pelos homens através de uma união mística, independente da religião praticada. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>43</sup> **Al-Hallaj**: místico islâmico. Foi martirizado em Bagdá no século X por ter dito, em estado de êxtase: "Eu sou a Verdade". (Nota da *IHU On-Line*)

gratificados com louvores efusivos e títulos hiperbólicos. Este gênero de poesia é de difícil degustação para o leitor contemporâneo; igualmente o é a poesia narrativa (épica e romanesca), que, no máximo, pode interessar ao especialista de literaturas medievais comparadas. Rûmî, pelo contrário, dedicou-se à lírica de inspiração religiosa, direcionando seu panegírico não a um soberano terrestre, mas sim a Deus, ou àquele que - em sua visão e experiência espiritual - lhe parece ser um luminoso intermediário entre Deus e ele mesmo, ou seja, Shams-e Tabriz, ou seu venerado amigo espiritual. Quando Rûmî louva Deus (ou Shams), consegue fazê-lo com palavras de grande simplicidade e imediatez, que conseguem transmitir-nos - mesmo em tradução e não obstante as distâncias culturais e religiosas - grande parte de sua extraordinária emoção mística, o vivo sentimento de comunhão com a natureza e com todas as criaturas. A este propósito, Rûmî recorda um pouco da poesia de São Francisco, sobretudo do sentimento de amor universal, que nos foi transmitido através do célebre “Cântico das criaturas<sup>44</sup>”.

### ***IHU On-Line* - Qual é o lugar do amor na execução poética de Rûmî?**

**Carlo Saccone** - Certamente, o amor é um tema, talvez o mais importante da mística islâmica. Como é sabido, a mística islâmica, ou sufismo, procura integrar o islã da lei e dos doutores - sentido como demasiado árido ou limitante pela experiência religiosa - com o sentido vivo do amor de Deus pelas criaturas, e destas por seu Criador. Rûmî apenas aprofunda esta direção, chegando

<sup>44</sup> **Cântico das criaturas**: também conhecido como Cântico ao Sol, foi composto por São Francisco de Assis (1181-1226) pouco antes de sua morte. Sobre São Francisco, confira a obra *Em nome de São Francisco. História dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI*, publicada pela editora Vozes, escrita por Grado Giovanni Merlo. (Nota da *IHU On-Line*)

a acentos quase paulinos<sup>45</sup> quando diz, em substância, que a religião sem o amor não é nada. Porém, há, sem dúvida, também um lado muito pessoal em toda a questão: a misteriosa relação entre Shams, o amigo e “iniciador”, e o próprio Rûmî. Sabe-se que Shams, talvez um dervis errante, chegou à pequena comunidade sufi fundada em Konya por Rûmî como um ciclone, tumultuando tudo. Rûmî, que dirigia a tranqüila comunidade de sufi devotos, ficou completamente perturbado e começou a freqüentá-lo quase exclusivamente. Rapidamente, os discípulos de Rûmî se enciumaram, conseguindo, numa primeira vez, afastar Shams de Konya, ou talvez constrangê-lo à fuga. Mas Shams retornou, retomando, no interior da comunidade, e sobretudo no coração de Rûmî, a posição privilegiada de que gozara antes. Uma segunda vez Shams foi embora, desta vez para não retornar. Segundo algumas fontes, teria sido vítima de um complô. Rûmî, dilacerado pela dor, dedicou a Shams o seu *Cancioneiro poético*, chamado precisamente de Divan di Shams e Tabriz. A relação com Shams foi indubitavelmente uma relação humana e espiritualmente fortíssima, que se pode definir como “amorosa”, pelo menos no sentido de que Rûmî admirou, com entusiasmo e sem remorso, em Shams um ser luminoso e, em certo sentido, quase “divino”: para ele, amar Deus é amar Shams, ou seja, aquele que lhe havia feito experimentar uma nova dimensão da vida religiosa e do significado da existência terrena, que, em suma, o havia “iniciado” numa nova dimensão do espírito.

***IHU On-Line* - Como entender, na obra de Rûmî, o tema do coração? Qual é a importância desta questão para a reflexão sobre a mística do sufismo?**

**Carlo Saccone** - O coração, como em todas as místicas, é visto também na islâmica como uma sede privilegiada

---

<sup>45</sup> O entrevistado refere-se à Primeira Carta de Paulo aos Coríntios, capítulo 13. (Nota da *IHU On-Line*)

do encontro entre Deus e a criatura. Numa tradição muçulmana (hadith), Alá em pessoa diz: “Não me contém os céus e a terra, só me contém o coração do Meu servo fiel”. O coração é com freqüência comparado pelos místicos muçulmanos à Kaaba<sup>46</sup>, à “Casa de Deus”, que os peregrinos muçulmanos visitam em Meca. Hallaj dizia provocadoramente: “o que ides fazer, ó peregrinos, em Meca? A verdadeira ka’ba está aqui no coração!”.

Entre os poetas místicos persas, o coração é, muitas vezes, representado como um espelho: se está enferrujado, não reflete nada; mas se o místico se preocupa em poli-lo com a renúncia e a ascese cotidiana, então Deus se olhará naquele espelho e poderá ser visto. Na poesia persa, os místicos são chamados muitas vezes de “gente do coração”, talvez um pouco polemicamente em relação aos doutores, ou seja, a “gente da lei”, ou aos filósofos, ou seja, à “gente da razão”. Todos estes lances retornam também na poesia de Rûmî e de inumeráveis poetas persas. Também para Rûmî, o intelecto, isto é, a razão de filósofos e doutores da lei, é um instrumento imperfeito de conhecimento. Somente o conhecimento do coração abre as portas ao mistério de Deus. Também em Rûmî encontramos a idéia agostiniana<sup>47</sup> de que Deus habita *in interiore homine* [no homem interior].

***IHU On-Line* - Qual é a influência do Corão sobre a poesia de Rûmî?**

**Carlo Saccone** - Como em todo poeta persa, é uma influência enorme. Deve-se recordar que no mundo islâmico a educação de base ocorria através do estudo do

---

<sup>46</sup> **Kaaba** (também conhecida como Ka'bah, Kabah ou Caaba): construção reverenciada pelos muçulmanos, na mesquita sagrada de Al Masjid Al-Haram em Meca, considerada pelos devotos do Islã como o lugar mais sagrado do mundo. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>47</sup> **Aurélio Agostinho** (354-430): Conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da *IHU On-Line*)

árabe - língua sagrada, e “língua de Alá” - e através do estudo do Corão, que freqüentemente era aprendido de cor. Como os poetas da Idade média e outros - de Dante<sup>48</sup> a Milton - conheciam muito bem as Sagradas Escrituras e com freqüência as citavam ou as comentavam, assim o poeta persa medieval ama citar e talvez comentar indiretamente passagens do Corão ou do hadith. Na Pérsia alguém disse - e muitos o repetiram - que a outra grande obra de Rûmî, o *Mathnavi-ye ma'navi*<sup>49</sup> (“O poema espiritual”), uma vasta enciclopédia de temas espirituais, é um “segundo Corão” ou um Corão em versos. Não se pode entender nem apreciar de modo autêntico e aprofundado a obra de Rûmî, nem a de milhares de poetas persas da Idade Média até o século XX se não se conhece a fundo o Corão e a cultura religiosa fundada por Maomé. Poder-se-ia, aliás, entender Dante ou Milton sem conhecer a Bíblia e a história do cristianismo?

***IHU On-Line - Rûmî é um daqueles místicos que acentuam os traços da generosidade divina. Que importância tem esta questão nestes tempos de fundamentalismo religioso?***

**Carlo Saccone** - O fundamentalismo é um camaleão capaz de qualquer disfarce. Nas sociedades economicamente ou socialmente pouco desenvolvidas, tende a usar uma linguagem religiosa (extremismo islâmico, extremismo hindu...); naquelas mais ricas, usa uma linguagem político-ideológica. Os movimentos fundamentalistas da Europa cristã se chamam: Liga Norte<sup>50</sup> (Itália), Front Nacional (França), e depois há vários grupos filo-nazistas na Áustria, Holanda, Alemanha, os grupos nacionalistas na Rússia, Polônia... e

<sup>48</sup> Dante Alighieri (1265-1321): escritor italiano cuja principal obra é *A divina comédia*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>49</sup> *Mathnavi-ye ma'navi: O poema espiritual*. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>50</sup> **Liga Norte**: partido político de centro-direita fundado na década de 1990 por Umberto Bossi, inspirado na Liga Lombarda. (Nota da *IHU On-Line*)

assim por diante. Não se parecem com movimentos religiosos, não têm etiquetas religiosas, é verdade. Além disso, são, na realidade, movimentos estranhos ao valor do amor evangélico. Porém, usam amplamente o “cristianismo” e seus símbolos (sobretudo a cruz) como fator identitário fundamental, para levar avante o ódio ou o desprezo dos “outros”, dos “estrangeiros”, sobretudo dos muçulmanos, que chegaram a milhões na Europa nos últimos trinta anos. Para estes movimentos, os estrangeiros muçulmanos, africanos, chineses etc. ameaçam as bases da “cultura cristã”, da própria civilização ocidental. Na Itália, por exemplo, fizeram um grande estardalhaço em torno da “questão dos crucifixos” nos lugares públicos.

O fundamentalismo islâmico tem uma história diversa, freqüentemente feita de violências e intolerâncias, que, no entanto, jamais foi ligada a fatores raciais ou racistas. Todavia, sua visão da relação entre as religiões tende, por motivos óbvios, a exaltar o primado do Islã sobre outras crenças. Também por isto, talvez, os fundamentalistas muçulmanos não gostam muito dos sufi ou da poesia mística. Rûmî é, certamente, um muçulmano e crê profundamente na palavra de Maomé, mas, como dissemos mais acima, a “religião do amor” místico supera para ele as barreiras confessionais. O místico é chamado a amar todas as criaturas, todos os homens, assim como a providência de Deus se dirige não só aos crentes de Maomé, mas a todo o gênero humano. A generosidade, em suma, deriva em Rûmî de um sentimento cósmico do amor, que faz sentir todos - homens e animais, montanhas e estrelas - vinculados reciprocamente e mantidos unidos pelo amor divino. Quem não vê esta “mística Unidade” de tudo o que é criado não pode ser “generoso” (nem mesmo com os companheiros de fé), no fundo, sequer pode ser um autêntico sufi.

# A obra de Rûmî como guia de ensinamento espiritual

ENTREVISTA COM BEATRIZ MACHADO

*Ao ler as poesias de Rûmî, Beatriz Machado diz que para os místicos “a leitura provoca experiências interiores, geralmente num nível desconhecido para o não místico”. Para um leitor fiel, explica ela, as poesias desvendam coisas antes nunca reveladas. A obra do poeta persa pode servir como um guia de ensinamento espiritual, em diversos níveis. “Do ponto de vista da técnica pedagógica mística, trata-se de uma obra incomparável”.*

*Embora aborde elementos para reflexões de ordem política, ética e psicológica, a filósofa enfatiza que atualmente é necessário “fazer um grande trabalho de tradução e atualização”. Isso porque com o surgimento da modernidade, esclarece ela, muitos dos significados originais da obra foram “profundamente alterados”.*

*Beatriz Machado é mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). É autora da tese Sentidos do Caleidoscópio, uma leitura da Mística a partir de Ibn 'Arabi. Confira, a seguir, a entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.*

**IHU On-Line - O que provoca tanta admiração na poética de Rûmî?**

**Beatriz Machado** - Do ponto de vista literário, a obra de Rûmî é magistral, embora ele mesmo a critique, afirmando que seu conteúdo é mais importante que a poesia. De fato, foi o conteúdo de ordem mística que levou seus discípulos a chamar o Masnavi<sup>51</sup>, sua obra mais conhecida, de o “Corão persa”. Ao mesmo tempo, o fato de Rûmî utilizar metáforas relativamente simples e uma linguagem, de certo modo, acessível (sobretudo se o compararmos ao seu contemporâneo Ibn 'Arabî, de igual estatura, cuja obra é extremamente complexa), faz com que ele possa ser lido por qualquer pessoa, em qualquer circunstância. Pode-se dizer que há um encantamento devido à beleza das imagens (“Se meu Amado apenas me tocasse com seus lábios, também eu, como a flauta,

romperia em melodias” - Masnavi) e à riqueza dos temas abordados. Também pode-se ficar perplexo com a naturalidade e a clareza com que ele trata de questões muito difíceis. Podemos tomar sua obra como um guia de ensinamento espiritual, em diversos níveis. Do ponto de vista da técnica pedagógica mística, trata-se de uma obra incomparável.

**IHU On-Line - Qual é a incidência do Corão na obra de Rûmî?**

**Beatriz Machado** - A revelação corânica é a fonte de qualquer místico do Islã. Para nós, esta é uma perspectiva difícil de entender porque, geralmente, quando lemos um livro, temos idéias a partir dele e fazemos reflexões. No caso de um místico, a leitura provoca experiências interiores, geralmente num nível desconhecido para o não-místico. Diz-se que um verso do Corão pode “abrir-se” para um leitor fiel e revelar-lhe

<sup>51</sup> RÛMÎ, Jalal al-Din. The Masnavi, Book One e The Masnavi, Book Two. (Nota da *IHU On-Line*)

coisas que nunca foram reveladas a ninguém antes; trata-se de uma experiência singular. E, notem bem, é uma experiência singular e não subjetiva. Ela não se deve ao temperamento, à formação egóica ou a qualquer idiosincrasia do sujeito envolvido. Vejamos o que diz sobre isso o Emir Abd al-Qadir<sup>52</sup> que, como Rûmî, é um grande mestre do sufismo:

*“Allâh, de fato, quando quer me comunicar uma ordem ou uma interdição, anunciar-me uma boa nova ou me por em guarda, ensinar-me uma ciência ou responder a uma questão que eu Lhe tenha colocado, tem por costume arrancar-me de mim mesmo - sem que minha forma exterior seja por isso afetada - e depois projetar sobre mim o que Ele deseja por meio de uma alusão sutil contida num verso do Corão. Em seguida, Ele me restitui a mim mesmo, munido deste verso, consolado e satisfeito. Ele me envia a seguir uma inspiração sobre o que Ele quis me dizer pelo verso em questão. A comunicação deste verso opera-se sem som nem letra e não pode ser atribuída a nenhuma direção do espaço”*  
(Abd al-Qadir, séc. XIX).

**IHU On-Line - Quais são algumas das influências mais importantes que marcaram o itinerário místico de Rûmî?**

**Beatriz Machado** - Os estudiosos contemporâneos tendem a valorizar bastante a idéia de uma influência historicamente transmitida. Podemos aceitar perfeitamente esta perspectiva. No entanto, segundo os próprios místicos, uma influência dessa natureza deveria ser considerada irrelevante se comparada com o modo *direto* de transmissão do conhecimento, por meio da Revelação, por meio da influência espiritual dos profetas (para um Rûmî, um Ibn 'Arabî, por exemplo, Moisés,

<sup>52</sup> Abd al-Qâdir al-Jazâ'irî (1808-1883): emir argelino, líder político e militar, sufi, que lutou contra a invasão francesa no século XIX em seu país. Por essa razão é tido como herói. (Nota da *IHU On-Line*)

Jesus, Muhammad ou qualquer outro profeta pode transmitir-lhes ciências por meio de um contato de ordem sutil) e por meio do ensinamento de um mestre (também a idéia de um mestre é de difícil compreensão para nós, não temos equivalente no mundo contemporâneo, é preciso muito trabalho para se saber realmente do que se trata). O famoso Shams de Tabriz, a quem Rûmî dedica muitos de seus poemas, era um mestre.

**IHU On-Line - Como situar o lugar do despojamento na reflexão de Rûmî?**

**Beatriz Machado** - A Mística pode ser definida de incontáveis maneiras. Uma delas é que se trata de uma “ciência de lugares”, isto é, entrar em contato com um místico, por exemplo, por meio de sua obra ou diretamente, é experimentar lugares. Num lugar, o despojamento envolve o abandono de uma idéia ou de um estado; em outro, o abandono de um bem material ou de um prazer, e ainda em outro pode ser o abandono integral do ego. Em cada passagem do Masnavi, por exemplo, podemos conhecer internamente modos de despojamento. Experimentamos, inclusive, a necessidade do despojamento do despojamento: lugares em que podemos observar claramente como o abandono - naquele lugar - é, na verdade, uma ação puramente egóica, que não produz os efeitos esperados de um verdadeiro abandono, que são, para falar de modo simples, os de abrir espaço para novos aprendizados. O despojamento não seria, portanto, uma virtude, pelo menos não no sentido que estamos habituados a dar a essa palavra. Ele seria um instrumento, ou uma técnica, para levar ao conhecimento, finalidade mística por excelência.

**IHU on-Line - Quais são algumas das mensagens mais importantes deixadas por Rûmî, e que permanecem atuais para o nosso tempo?**

**Beatriz Machado** - A obra de Rûmî contém elementos para reflexões de ordem política, ética, pedagógica e psicológica. No entanto, é necessário fazer um grande trabalho de tradução e de atualização. Rûmî pertence a uma época em que termos como “interioridade”, “alma”, “transcendência”, entre muitos outros, tinham um significado preciso. Com a Modernidade, os significados foram profundamente alterados, e passamos a entender muitas vezes o oposto do que está sendo dito. Portanto, não é mais uma questão de tradução de uma língua e sim de toda uma linguagem, de uma perspectiva que se tornou estranha para nós.

**IHU On-Line** - Rûmî destaca-se como um dos místicos que mais acentuou o traço da generosidade divina. Qual é a importância desta questão nestes tempos de fundamentalismo religioso?

**Beatriz Machado** - As vias místicas do Islã, notadamente o Sufismo, são sem dúvida a maior fonte de combate ao fundamentalismo religioso naquilo que ele possui de autoritário e, muitas vezes, de insano. Isso porque são uma fonte interna, própria do Islã e, portanto, não possuem os interesses políticos, muitas vezes excusos, desse combate. A obra de Rûmî, não apenas sob o aspecto da generosidade divina - porque a tolerância, no Corão, não é uma questão de generosidade e sim de dever -, é toda ela uma viagem corânica, portanto, uma viagem pela Lei. O importante aqui é compreender que esta Lei simbólica tem como principal objetivo o conhecimento e não o constrangimento. Ela não visa nem à ordem nem ao progresso, no sentido que o positivismo deu a ambos. A Lei simbólica é uma pedagogia e não um manual para repetições mecânicas.

*“Ele é mar, nós somos nuvem.  
Ele é um imenso tesouro,  
nós ruínas; não passamos  
de átomos diante do Sol...”*

## Rûmî: o extraordinário poeta e místico do Amor

POR ARMANDO ERIK DE CARVALHO

*O editor responsável da Editora Fissus fala, no breve artigo que enviou à redação da IHU On-Line, sobre Rûmî e sobre o livro de Faustino Teixeira e Marcco Lucchesi que será em breve lançado pela referida editora: O canto da Unidade: em torno da poética de Rûmî. Confira:*

A importância do livro *O canto da Unidade: em torno da poética de Rûmî* é apenas o retrato do interesse crescente no ocidente por Jalâl al-Din Rûmî. Um reflexo do reconhecimento do que representa a obra de Rûmî, é o fato de a UNESCO ter consagrado a ele o ano de 2007, quando se completam 800 anos do seu nascimento. Foi com o intuito de comemorar essa data e homenagear esse poeta tão singular que a Fissus lança essa publicação, com destaque particular para o fato de que, pela primeira vez, apresenta-se a poesia de Rûmî traduzida diretamente do persa para o português.

Rûmî recebeu treinamento como pregador e jurista islâmico, mas transformou-se em um professor ecumênico com inclinação poética, e é agora reconhecido como um dos mais profundos mestres místicos e poetas da história humana, sendo reverenciado como um santo por pessoas das mais variadas confissões religiosas, de tal sorte que muçulmanos e ocidentais fazem peregrinação ao mausoléu onde está enterrado, em Konia, Turquia, onde também já estive.

Embora já haja ótimos livros publicados em traduções feitas no Brasil da obra de Rûmî, a verdade é que circulam, ainda e infelizmente, dentro de círculos relativamente restritos. Rûmî foi um escritor prolífico, e sua obra é imensa e extremamente rica. Sua leitura

se faz em diferentes camadas, e o seu valor maior está exatamente nessa capacidade de permitir a elevação dos níveis de consciência. Cada leitura tem a capacidade de ilustrar novos conhecimentos e entendimentos sobre a relação humana com o Divino. Na medida em que contribui para uma maior divulgação da vida e da obra de Rûmî, *O canto da Unidade* dá a sua modesta contribuição a uma exposição crescente da obra desse extraordinário poeta e místico do Amor.

*A razão é impotente na expressão do Amor.  
Somente o Amor é capaz de revelar a verdade do*

*Amor*

*E ser um Amante.*

*O caminho de nossos profetas é o caminho da  
Verdade.*

*Se queres viver, morra no Amor;*

*Morra no Amor, se queres permanecer vivo.*

(Rûmî)

A Fissus tem como proposta a edição de livros de diferentes tradições espirituais, que possam ter uma verdadeira função para pessoas de diversos credos que busquem no sagrado um caminho do conhecimento de si. É o que poderíamos chamar de religião viva ou espiritualidade verdadeira. Lançamos nossos primeiros livros em 1999, tendo publicado *O Dalai Lama fala de Jesus* e *Novas sementes de contemplação*, de Thomas

Merton<sup>53</sup>. Temos, nesse caso, um livro budista com contornos cristãos, e um monge trapista a falar da contemplação como caminho para o Divino. Os livros que se seguiram, em sua maioria, foram em torno de outras tradições religiosas, como o sufismo, onde o próprio Rûmî se inclui, e até mesmo tradição tolteca<sup>54</sup>, com o livro *Além do medo*, de Miguel Ruiz e Mary Carroll Nelson. Essa linha não exclui outros temas, mas representa o nosso enfoque mais específico. O nosso site - [www.fissus.com.br](http://www.fissus.com.br) - pode oferecer uma visão detalhada do que já realizamos.

*“Teu sol é hoje nosso guardião,  
não somos mais que a sombra de teu rastro;  
sem tua graça andamos solitários...”*

---

<sup>53</sup> Thomas Merton (1915-1968): monge católico cisterciense trapista, pioneiro no ecumenismo no diálogo com o budismo e tradições do Oriente. O livro *Merton na intimidade - Sua vida em seus diários* (Rio de Janeiro: Fissus, 2001), é uma seleção extraída dos vários volumes do diário de Thomas Merton, autor de livros famosos como *A montanha dos sete patamares* (São Paulo: Itatiaia, 1998) e *Novas sementes de contemplação* (Rio de Janeiro: Fissus, 1999). O livro foi editado por Patrick Hart, também monge e colaborador de Merton. Na matéria de capa da edição 133 da *IHU On-Line*, de 21-03-2005, publicamos um artigo de Ernesto Cardenal, discípulo de Merton, que fala sobre sua relação com o monge. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>54</sup> Toltecas: povo pré-colombiano mesoamericano que dominou grande parte do México central entre o século X e o XII. Algumas de suas heranças mais importantes são o calendário, a escrita e o trabalho em metal. (Nota da *IHU On-Line*)

## Brasil em Foco

### “A questão da dívida externa deixou de ser um problema”

ENTREVISTA COM LÍDIA GOLDENSTEIN

*O debate sobre a política econômica do governo Lula, sobre o dólar e o real é o tema de uma entrevista que a revista IHU On-Line realizou, por e-mail, na última semana, com a economista Lídia Goldenstein. Lídia é economista formada pela USP, com mestrado e doutorado em Economia pela Universidade de Campinas. Foi economista/pesquisadora do CEBRAP e assessora da presidência do BNDES de 1996 a 1998. Professora de diversas instituições, tais como Fundação Armando Álvares Penteado e Unicamp, tem diversas pesquisas e artigos publicados sobre questões político-econômicas. É autora do livro Repensando a dependência (São Paulo: Paz e Terra, 1994). Atualmente, é consultora da LGoldenstein Consultoria e Associada da MBAssociados, onde é parceira de José Roberto Mendonça de Barros.*

**IHU On-Line - Se a economia brasileira vai tão bem, como afirma o presidente Lula, por que o País não cresce? Quais os principais entraves para o crescimento econômico?**

Lídia Goldenstein - Fundamentalmente, a principal limitação para o País voltar a ter um crescimento sustentável (mais de 5% ao ano, por vários anos) está ligada ao fato de as taxas de investimento ainda serem muito baixas.

**IHU On-Line - E por que os investimentos são baixos?**

Lídia Goldenstein - Acho que por vários motivos que se entrelaçam uns aos outros. Antes de mais nada, é porque, apesar da queda, os juros ainda são extremamente elevados. Juros elevados obrigam o governo a gastar com juros e dispor de recursos irrisórios para investir em infra-estrutura que se torna outro entrave para o investimento. Sem garantia de energia no futuro, sem estradas, portos e ferrovias, os

custos no Brasil vão tornando-se extremamente elevados, e as empresas, quando decidem investir, têm preferido investir no exterior. Os casos agora já são inúmeros. Mais ainda: juros elevados são uma das explicações importantes para a valorização do Real, outro dos entraves à retomada mais forte dos investimentos. Com o Real sobrevalorizado, o País vem perdendo competitividade nas exportações e aumentado as importações. O aumento de renda do bolsa família e do salário mínimo tem resultado no crescimento da demanda de bens de consumo em geral, mas não em aumento da produção interna e sim em importação.

**IHU On-Line - Qual balanço podemos fazer do Plano Real, considerando sua atual valorização em razão da queda do dólar? Para quem o Real é bom, para quem ele é ruim? Isso foi sempre assim desde sua implantação? Como o Real tem se construído na economia brasileira e mundial? Podemos dizer hoje**

### que o Real é uma moeda forte?

Lídia Goldenstein - O Plano Real foi um plano de estabilização que teve imenso sucesso em impedir que o Brasil entrasse em um processo de hiperinflação aberta. Depois disso, tivemos inúmeras crises internacionais, a maxidesvalorização do Real, a entrada da China de forma retumbante no cenário internacional, a eleição de Lula etc. Não dá para simplificar a análise e colocar tudo como se não existisse história, evolução, contradições, mudanças no cenário internacional. O Real de hoje é fruto de um cenário internacional profundamente diferente do Real do momento de sua implantação, no Plano Real. Mais ainda: desde então, o País passou por mudanças estruturais com impactos na sua moeda. Um exemplo é o da geração de superávits comerciais expressivos.

Hoje, pode-se dizer que a questão da dívida externa deixou de ser um problema. Conseqüentemente, não existe mais o risco, pelo menos no médio prazo, de termos desvalorizações tão significativas da moeda nacional como tínhamos no auge da crise da dívida externa, nos anos 1980.

O Real valorizado ajuda no combate à inflação. Mas o atual nível de valorização é extremamente prejudicial para o setor produtivo e, conseqüentemente, para a geração de investimentos e emprego.

### *IHU On-Line* - Quais são os riscos da atual taxa de câmbio para a estrutura industrial brasileira? E quais as conseqüências de uma especialização na produção de *commodities*?

Lídia Goldenstein - Os riscos são muito elevados. Principalmente se lembrarmos que, além do câmbio, temos problemas graves de custo decorrentes do que chamamos genericamente de custo Brasil: falta de regulação, provável apagão energético no médio prazo, falta de infra-estrutura portuária, rodoviária e ferroviária, burocracia, corrupção etc. Não bastasse

tudo isso, o Brasil carece de investimentos em P&D e ainda não temos uma cultura empresarial agressiva na construção de marcas e design. Tudo isso junto enfraquece o País e vai minando nossa capacidade competitiva.

### *IHU On-Line* - O economista Mendonça de Barros defende uma conduta mais ousada na economia, lembrando que “não existe risco zero”. Por que tanta dificuldade em reduzir os juros? Por que tanta cautela por parte da política econômica/monetária do governo Lula?

Lídia Goldenstein - No início do seu governo, o Presidente Lula precisou ser mais realista que o rei, pagando um pedágio de conservadorismo por conta do período em que era oposição e dizia qualquer coisa para ser oposição, sem coerência e contra tudo. Teve que ser muito conservador no início para evitar um retrocesso enorme da inflação que a fuga de capitais já estava provocando. Mas, após tanto tempo, só posso explicar que continua com a mesma política por falta de projeto alternativo e capacidade de sua equipe implementá-lo.

### *IHU On-Line* - Que cenário podemos prever caso o governo Lula baixe os juros e volte a inflação? Isso é possível? Como a economia internacional influencia nisso?

Lídia Goldenstein - Ninguém de bom senso está propondo uma queda abrupta e repentina. A idéia é acelerar a queda. A inflação não só está sob controle, como abaixo da meta. Existe espaço para uma política de redução dos juros sem temer o retorno do processo inflacionário.

## Campo “triste”. Vale dos Sinos está sufocado pela crise

*Já passou o tempo em que Campo Bom se destacava pelos altos índices de exportações do país. Aos poucos o sapato vem deixando de ser a maior fonte de renda do município. A cidade, reconhecida por suas festas populares e pelo povo alegre e trabalhador, parece estar adormecida. O crescimento da crise no setor calçadista tem deixado, além de muitas preocupações e incertezas, mais de 1620 desempregados apenas neste ano, segundo o diretor do sindicato local dos trabalhadores, Juarez Flor. A reportagem é da revista IHU On-Line, e foi publicada em 01-06-2007 no site [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) repercutindo a crise no setor calçadista no Vale dos Sinos.*

No início da semana passada, uma das maiores exportadoras de calçados femininos do país, Reichert Calçados, anunciou o fechamento da sede em Campo Bom e de suas 20 unidades espalhadas em 11 municípios gaúchos. Com o encerramento das atividades da empresa, aproximadamente 5mil pessoas estarão desempregadas até o final de julho. Para a próxima segunda-feira, 4-06-2007, estão previstas 75 demissões no setor de modelagem.

Na manhã desta quinta-feira, 31-05-2007, a equipe da **IHU On-Line** foi ao município e conversou com alguns trabalhadores e desempregados. Os sentimentos de tristeza e desânimo refletem pelas ruas da cidade, ao mesmo tempo em que se contrapõe à esperança e ao desejo de mudanças. Chocados com as demissões em massa que vêm ocorrendo na região, os ex-calçadistas sonham com um futuro incerto e esperam soluções.

“Estou com dois meses de aluguel atrasado. Já pediram para desocupar a casa, mas eu não tenho como arrumar outro aluguel porque estou desempregado”. Esse é o drama que Lodacir de Moura Oliveira, 46, está vivendo há um ano, desde que foi demitido da Irmãos Schmidt. Com vinte anos de experiência como passador de cola e lixador, ele perambula pela cidade em busca de “biscates”. A esposa, desempregada há oito meses,

também não consegue retornar para as fábricas da cidade. “A situação tá difícil pra mim. Tenho três filhos para sustentar. Estou apavorado e desempregado”, desabafa.

Sem dinheiro para pagar a luz e a água, ele conta que nem sempre consegue comprar comida para os filhos de quatro, seis e oito anos. Atualmente sobrevive de doações. “A Igreja está ajudando os pobres. Eles arrecadam e chamam a gente para distribuir um ranchinho”. Se não encontrar emprego na próxima semana, Oliveira diz que pretende voltar para a cidade natal. “Eu vou ter que ir embora. A esperança que resta é que minha gente me dê uma mão, porque aqui não tá dando mais para sobreviver.”

As maiores dificuldades são vivenciadas por homens e mulheres de 30 a 50 anos que dedicaram a maior parte de suas vidas à profissão. Demitido da Calçados Modelli há duas semanas, Gilberto Maximo Ghiggi, 46, encaminhou o seguro desemprego nesta manhã. Ele trabalhava na empresa há 18 anos, e conta que a maior preocupação nesse momento é ter que parar de pagar a faculdade da filha Priscila, 18 anos. “Trancar um sonho tão desejado é difícil e doloroso”, lamenta.

A esposa de Ghiggi também depende do setor para

auxiliar nas despesas da família. Atualmente, ela trabalha na Calçados Nunes, que segundo ele, “não está prometendo muita coisa para a diante”. O ex-calçadista diz que está procurando emprego em outra área, mas lembra que “no Vale dos Sinos tudo gira em torno do sapato”.

Gilberto Pochmann, 46, também é um dos 400 desempregados que dependia da Calçados Modelli. Sem obter lucro, a empresa encerrou as atividades no mês passado. Depois de dez anos de carreira na organização, ele afirma que mesmo com as dificuldades pretende continuar atuando no ramo. “Depois de 30 anos exercendo uma profissão, é difícil pensar em outra atividade que não seja o calçado”, aponta. Pai de dois filhos, um de 12 e outro de 19, Pochmann era responsável pelas despesas da família. “Com o seguro desemprego ainda vamos conseguir nos manter, mas não por muito tempo”, comenta. De acordo com Roberto Nardes, responsável pela captação de vagas no Sistema Nacional de Emprego (SINE) da cidade, o número de pessoas encaminhando o seguro desemprego desde abril tem aumentado e oscila entre 50 a 60 por dia.

Crise atinge outros segmentos

O comércio do município também está passando por momentos de tensão. Raul Blos, 66, é dono de uma livraria e diz que “desde março as vendas decaíram assustadoramente”. O mesmo está acontecendo na lotérica de Catia Luz, 34. Segundo ela, o estabelecimento que funciona há seis anos arrecadava três mil contas por mês. “Hoje arrecadamos a metade. O pessoal está pagando as contas do mês passado”, explica.

Nas farmácias, o movimento também diminuiu. Para não perder os clientes, a vendedora da Farmácia Econômica, Thais Gonçalves, diz que além dos descontos, a drogaria está parcelando as contas em várias vezes. Segundo ela, outro fator que tem contribuído para o declínio das vendas são os cortes de benefícios concedidos pelas empresas calçadistas. “Nesse mês muitas empresas cancelaram os convênios com a farmácia”, explica. Assim, ressalta “os funcionários estão se afundando em dívidas”.

## Crise no Vale dos Sinos. “Nunca sei até quando meus pais vão ter emprego”.

A OPINIÃO DE ALGUNS UNIVERSITÁRIOS

Depois de mais uma empresa de calçados encerrar suas atividades no Rio Grande do Sul, a crise do calçado cresce e deixa profundas marcas nos trabalhadores que agora se vêem desempregados e sem perspectiva de trabalho. Até que ponto o povo gaúcho tem ciência deste problema e está pronto para ajudar estes trabalhadores a cobrarem dos governantes alguma solução?

Para saber a opinião dos universitários, a *IHU On-Line* conversou com alguns alunos da Unisinos sobre o tema. A primeira entrevistada foi Tanísia dos Santos, 32 anos, aluna de Letras. Ex-representante da marca Picadilli, ela conta que há dois meses foi demitida. “Não sei o que fazer, tenho que pagar a universidade e não tenho

nenhuma reserva; provavelmente vou ter que trancar no próximo semestre.” Ao mesmo tempo, Julianna Baum, 18 anos, de Dois Irmãos, diz que sabe que a crise no setor calçadista da sua cidade é grande, mas não tem lido muito sobre o assunto. “Eu leio nos jornais, mas não tenho muito o que falar sobre o assunto”, diz a estudante de Direito.

Daniela Machado, 19 anos, aluna do curso de Jornalismo, sabe bem o que é a crise, afinal boa parte de sua família depende do setor. “Quando eu fiz vestibular, meu pai disse que o que eu escolhesse ele apoiaria, menos algum curso ligado ao calçado”, conta. Ela mora em Novo Hamburgo e tem o pai e a mãe atuando no setor calçadista da região. “Meu pai está com pouco serviço na firma, vários empregados foram para rua”, relata.

Confira a seguir a conversa realizada entre a *IHU On-Line* e Daniela Machado, na íntegra:

***IHU On-Line* - Daniela, como tu tens acompanhado a crise no setor calçadista na tua região?**

**Daniela Machado** - Eu sempre procuro me manter informada através do Jornal NH, que possui duas páginas dedicadas ao setor. O jornal tem noticiado a crise diariamente. De uns anos para cá, tornou-se comum o NH publicar notícias falando que o grande problema da crise se deve ao fato do Brasil ter a China como concorrente. Eu sei que a China produz o calçados em grande escala, gastando menos em matéria-prima. A mão-de-obra lá é muito barata, também.

Meu pai sempre trabalhou com exportação de calçados. Mas, com a forte concorrência da China, as firmas perderam mercado no exterior. A maioria das empresas da região, hoje, só trabalham voltadas para o mercado interno.

***IHU On-Line* - E como é viver essa crise na família?**

**Daniela Machado** - É complicado porque eu nunca sei até quando meus pais vão ter emprego. Em julho do ano

passado, a crise estava muito forte e a firma da minha mãe começou a dar férias para todo mundo, inclusive demitiu algumas pessoas. Eu tenho uma tia que trabalhou a vida toda com calçados e agora perdeu o emprego.

***IHU On-Line* - Onde ela trabalhava?**

**Daniela Machado** - Ela trabalhava na Cariri Calçados, em Estância Velha. Era uma empresa muito forte. O marido dela também perdeu o emprego, ele trabalhava na Menfins, no mesmo município. Imagina, mais de 200 pessoas ficaram sem emprego nessas firmas.

O meu pai está com pouco serviço na empresa. Os colegas dele que foram demitidos estão partindo para outras linhas, fazendo acessórios e tal. Inclusive, quando eu fiz vestibular meu pai me disse que o que eu escolhesse ele apoiaria, menos algum curso ligado ao calçado. Minha família toda trabalha com calçado.

***IHU On-Line* - E, diante dessa crise, como você faz para continuar estudando?**

**Daniela Machado** - Eu me viro como posso. Estou trabalhando em dois lugares, pois eu tento depender o menos possível dos meus pais. Eu não sei até quando eles estarão recebendo todo mês ou até quando estarão empregados. A minha insegurança só vai acabar quando eu me formar e conseguir uma estabilidade, daí eu poderei ajudá-los, e até lá acredito que a crise vai piorar ainda mais.

***IHU On-Line* - E como fica o lado psicológico deles, ou seja, como eles lidam com essa sensação de não saberem se vão acordar empregados no dia seguinte?**

**Daniela Machado** - É insegurança total, mas eles não expressam isso comigo. Eles comentam essa crise com amigos de profissão. Meu pai, quando encontra ex-colegas de trabalho na rua, sempre fala da crise, que está complicado e muitos estão tentando ganhar a vida de outra forma, trabalhando por conta. Meu pai sabe que

se ele ficar desempregado não vai conseguir trabalhar em outro lugar; isso ele me falou. Ele não tem curso superior ou técnico e já está com quase cinqüenta anos.

Antigamente, não precisava de curso superior. Ele, por exemplo, aprendeu fazendo.

A minha mãe se preocupa mais com a idade, ela trabalha no financeiro e não conseguirá trabalho em outras empresas. Eles acreditam que eu terei uma vida bem diferente. Com diploma, eles dizem, tudo será mais

fácil. Eles me incentivam a trabalhar sempre, dizem que eu tenho é que me preocupar com o meu futuro e não com o deles.

*IHU On-Line - E tu pensas como eles?*

**Daniela Machado** - Não. Porque a concorrência é muito grande na área da comunicação e eu tenho medo de decepcioná-los, de não conseguir um bom emprego e ter que acabar trabalhando com outra coisa.

## Teologia Pública

# “Temos de crer e esperar que outro mundo e que outra Igreja são possíveis”

ENTREVISTA COM VICTOR CODINA

*Ao fazer um diagnóstico sobre a Igreja na América Latina hoje, o teólogo jesuíta espanhol Victor Codina constata: “em muitos há crença sem pertença”. E se questiona: “Podemos continuar falando que a América Latina é um continente com substrato católico, que é o continente da esperança para a Igreja universal, a reserva espiritual para o futuro da Igreja?”. Em entrevista exclusiva concedida por e-mail para a IHU On-Line, ainda enquanto participava da V Conferência do Celam, em Aparecida, encerrada no último dia 31 de maio, Codina faz uma análise do discurso do Papa na abertura da V Conferência: “O tom do discurso esteve mais centrado na Igreja do que no Reino, mais preocupado com a situação do Povo de Deus (cristão e católico) que do povo em geral (pobre)”. Confira, abaixo, a íntegra da entrevista.*

*Codina entrou para a Companhia de Jesus em 1948, na província da Cataluña. Em 1971 foi enviado à América Latina, vivendo em países como Venezuela, Argentina e Bolívia, onde está radicado desde 1982. Sua atividade é bastante variada, dando aulas de Teologia na Universidade Católica de Cochabamba e em contato com o povo em bairros e comunidades de base. Escreveu, entre outros, La vie religieuse. Du cerf: Paris, 1992 e O credo dos pobres. São Paulo: Paulinas, 1997.*

***IHU On-Line - Como o senhor vê a situação da Igreja católica na América Latina hoje?***

**Victor Codina** - A Igreja da América Latina, por um lado, participa da situação de “inverno eclesial” que se respira na Igreja universal desde o final do pontificado de Paulo VI. Isto pode ser notado concretamente na América Latina porque já passou a época um tanto profética dos anos 1970-1980, quando havia bispos que eram verdadeiros Santos Padres da América Latina, a opção pelos pobres marcava as vidas de setores importantes da Igreja, cresciam as comunidades de base, a teologia da libertação florescia, a vida religiosa se inseria em meios populares e pobres e havia vozes proféticas que muitas vezes acabavam com o martírio. Hoje, muitos católicos têm passado às seitas, outros (sobretudo entre os intelectuais, profissionais, políticos, jovens, mulheres, setores indígenas...) se tornaram indiferentes ou agnósticos; entre os que permanecem fiéis à Igreja católica, uma grande maioria está ancorada na religiosidade popular, com seus grandes valores, mas também com seus limites. Em muitos, há a crença sem pertença. Entre os praticantes dominicais habituais, poucos se comprometem a algo mais que a assistência à missa aos domingos. Os católicos comprometidos constituem uma minoria, mas significativa e viva: comunidades de base, grupos e movimentos eclesiais, vida religiosa trabalhando com excluídos e em lugares de conflito, pastores próximos ao povo... Podemos continuar falando que a América Latina é um continente com substrato católico, que é o continente da esperança para a Igreja universal, a reserva espiritual para o futuro da Igreja? Desde os anos 1990, a situação social, cultural e eclesial tem mudado profundamente. De algum modo se tem passado do paradigma do Êxodo, que foi o dominante nos anos 1970-1980 ao do Exílio: uma situação de dispersão, perplexidade, medo, desconcerto, falta de

esperança e de projetos concretos. Mas, como o Exílio não foi um tempo perdido, mas um momento de purificação e de reflexão, também a Igreja da América Latina, nestes anos, tomou consciência mais clara de sua situação, de seus problemas, de suas dificuldades, da necessidade de mudar. Neste sentido, Aparecida pode ser um momento de reflexão e tomada de consciência eclesial.

***IHU On-Line - Qual é a sua percepção das repercussões da visita do Papa ao Brasil e sua presença na abertura da Conferência do Celam em Aparecida?***

**Victor Codina** - Mesmo que os meios de comunicação tenham dado mais importância à visita do Papa ao Brasil do que à abertura de Aparecida, o centro desta visita foi realmente Aparecida. É triste que os meios de comunicação, em relação ao discurso do Papa na V Conferência, tenham retido somente os temas polêmicos sobre a primeira evangelização da América Latina, sobre a crítica a governos autoritários, sobre o perigo de voltar a religiões originárias à margem da Igreja etc. O discurso tratou de outros muitos temas e foi muito inspirador: os valores da religiosidade popular, a necessidade de uma evangelização inculturada, a renovação da fé em Cristo, a centralidade da Palavra de Deus, uma fé e uma espiritualidade que não fujam da realidade, a opção pelos pobres implícita na fé cristológica, a necessidade de superar o divórcio entre a fé e a vida e fortalecer a presença pública da Igreja na sociedade, acerca de assumir uma postura ética ante a globalização, sobre a gravidade do problema social na América Latina, a necessidade de buscar um desenvolvimento e promoção humana autêntica e integral, a transformação de estruturas injustas, a sã laicidade do Estado, a tarefa eclesial de ser consciência crítica e defender os pobres e a justiça, a superação do machismo etc.

No entanto, o tom do discurso esteve mais centrado na Igreja do que no Reino, mais preocupado com a situação do Povo de Deus (cristão e católico) que do povo em geral (pobre). Seguramente, é inevitável que o responsável pela universalidade e pela catolicidade da Igreja adote esta perspectiva. Talvez a partir da América Latina a perspectiva fosse outra, mais a partir do povo pobre e excluído, cuja vida está ameaçada e em perigo.

#### ***IHU On-Line - Que significado tem a V Conferência do Celam para a Igreja Universal?***

**Victor Codina** - Todas as Conferências anteriores do episcopado tiveram uma repercussão na Igreja universal, de modo que a opção pelos pobres de Medellín e Puebla passou a ser a opção da Igreja universal, como João Paulo II afirmou várias vezes. É cedo para saber qual será o significado de Aparecida para a Igreja universal, mas, sem dúvida, há uma certa expectativa em toda a Igreja sobre o desenvolvimento da V Conferência.

#### ***IHU On-Line - O que o senhor espera da Conferência de Aparecida em relação a afirmações e compromissos que a Igreja latino-americana não pode deixar de assumir?***

**Victor Codina** - Espera-se que não se caminhe para trás, mas que se recuperem as opções evangélicas de Medellín e Puebla (partir da realidade, opção pelos pobres, Comunidades de base, volta a Jesus de Nazaré pobre e libertador, recuperar a memória dos mártires, inculturação do Evangelho...). Mas isso não basta. Deve-se afrontar a situação social atual: denunciar profeticamente a injustiça e iniquidade do sistema neoliberal, alentar novas formas de economia e organização social, escutar o grito dos pobres e da terra explorada abusivamente, lutar pela vida do povo hoje ameaçada, defender as culturas originárias, denunciar o machismo etc. Do ponto de vista eclesial, haveria que iniciar os cristãos em uma experiência espiritual

profunda do mistério de Cristo, fomentar uma fé responsável que se traduza na vida, formar especialmente os leigos, voltar a evangelizar o povo, revisar as estruturas eclesiais, responder aos desafios do mundo do conhecimento, avançar no ecumenismo e no diálogo inter-religioso e favorecer o surgimento de uma Igreja dos pobres e de uma Igreja autóctone. Precisamos aceitar que o problema da América Latina não é só social, mas que há a necessidade de respeitar as diferenças culturais, sexuais, religiosas, de idade etc. e aceitar o pluralismo existente. A experiência do Exílio conduz a um aprofundamento humano, cultural, religioso, cristão, a uma tomada de consciência de que é necessário viver a vida cristã de modo diferente, mais autêntico, profundo, radical, espiritual.

Há temas que superam a competência de uma Conferência latino-americana, mas que deveriam ser propostos a Roma: tudo o que for relacionado com a sexualidade e a moral sexual, a ordenação de homens casados, repensar a situação da mulher na Igreja e de seu acesso aos ministérios, descentralizar o governo da Igreja e dar mais autonomia às Conferências episcopais (na nomeação de bispos, problemas doutrinários, litúrgicos e pastorais...) e um longo etcétera...

Em síntese, espero que, se Medellín se centrou nas estruturas injustas e Puebla na opção pelos pobres e Santo Domingo sobre a inculturação, Aparecida se centre na defesa e promoção da vida, da vida material e humana do povo, da vida cultural e religiosa, da vida de fé e eclesial, da Vida que nos comunica Jesus que é caminho, verdade e vida.

***IHU On-Line - Fala-se muito hoje sobre o afastamento dos fiéis da Igreja católica. Que implicações este fato tem para a autocompreensão da Igreja e para sua metodologia de ação?***

**Victor Codina** - Esta situação real deve nos fazer refletir sobre nossa realidade, sem sonhar com o que fomos no passado. Já não tem mais futuro um catolicismo meramente sociológico, de grandes massas, que quase não conhecem nem a fé cristã, nem se sentem membros da Igreja, nem vivem uma vida conforme os valores evangélicos. Vamos fazer uma Igreja seguramente mais minoritária, menos clerical, de cristãos convencidos, com uma forte experiência espiritual, melhor formados, mais responsáveis, que

participem das diversas comunidades, abertos ao mundo e a seus problemas, capazes de dialogar com outras Igrejas e religiões, que sejam fermento da sociedade com sua vida, sua palavra e sua ação. É um sonho? Acaso o Espírito não nos conduz a viver o Evangelho de forma mais radical e a fazer memória contínua de Jesus e de suas opções? À semelhança do povo de Israel no Exílio, temos de crer e esperar que outro mundo é possível e que outra Igreja é possível.

## Filme da Semana

### Proibido Proibir

TODOS OS FILMES COMENTADOS NESTA EDITORIA JÁ FORAM VISTOS POR ALGUM (A) COLEGA DO IHU.

#### Ficha Técnica:

*Nome original: Proibido proibir*

*Cor filmagem: Colorida*

*Origem: Brasil - Chile*

*Ano produção: 2006*

*Gênero: Drama - Romance*

*Direção: Jorge Durán*

*Elenco: Caio Blat, Alexandre Rodrigues, Maria Flor*

*Sinopse: Numa universidade do Rio de Janeiro, Paulo (Caio Blat), estudante de medicina, Leon (Alexandre Rodrigues), estudante de sociologia, e a futura arquiteta Letícia (Maria Flor) são os melhores amigos, dividindo precariedade de moradia, a falta de dinheiro e a cervejinha com a mesma alegria. Pinta um risco de triângulo amoroso que abala o grupo. Além disso, eles têm um encontro marcado com a dura realidade social do país.*

## Uma sociedade entre a violência e a ternura

*Para Luiz Zanin Oricchio, sem didatismo nem pregação política, o filme de Durán destaca problemas atuais do Brasil com proposta à reflexão. Ele expressa essa opinião no artigo que segue, publicado no jornal O Estado de S. Paulo, em 27-04-2007.*

Há uma cena (não importa se no início, no meio ou no fim) em *Proibido proibir*, em que um dos personagens diz a outro: “Não podemos esquecer os mortos”. Essa pequena frase funciona como uma espécie de imperativo categórico que faz do trabalho de Jorge Durán uma das exceções no cinema contemporâneo. De fato, tudo, em nossa atitude de “homens do nosso tempo” é voltada no sentido de esquecermos os nossos mortos. O que pode ser traduzido como um convite para esquecermos do passado, próximo ou longínquo, e vivermos plenamente o presente. A pergunta que este filme se faz, e que é também a pergunta da História, é: pode-se viver de forma plena o presente sem levarmos em conta o passado? Pois bem, é em torno dessa meditação - esquecer ou não esquecer os “mortos” - que *Proibido proibir* se constrói.

A começar pelo título, que evoca os estudantes do maio de 1968 francês e uma das canções polêmicas de Caetano Veloso. Mas se o filme de Durán mantém alusões a certo espírito dos anos 60, finca, e com ênfase, seus pés nos dias de hoje. O personagem principal é Paulo (Caio Blat, bem como sempre), estudante de medicina, cheio de gás, libertário, com ojeriza a compromissos. É ele quem repete a frase-título, e a qualquer pretexto. Seu amigo mais chegado é Leon (Alexandre Rodrigues, de *Cidade de Deus*), que namora Letícia (Maria Flor).

Podemos resumir o tema do filme no dilema entre participar ou não participar da vida social do País; esta é desdobramento da pergunta a respeito dos mortos. E o personagem problemático será justamente Paulo, o que recusa qualquer compromisso. Mas que terá de reagir a algumas imposições da realidade, que, como sabemos, não pede licença para entrar (e às vezes invadir) a vida das pessoas. Trotski costumava usar uma frase famosa: “Você pode não estar interessado na guerra, mas a guerra está interessada em você”. Passa-se o mesmo em relação à violenta realidade social brasileira. Podemos escolher a política do avestruz e fazer de conta que ela não existe, ou que não nos atinge e não é conosco. O real insiste. Bate à porta. E costuma entrar. É nesse pudim do real que Paulo é convocado a entrar.

Durán é um veterano roteirista do cinema brasileiro. Nascido no Chile, tem em *Proibido proibir* seu segundo longa - o primeiro, *A cor do seu destino*, é de 1986. O que se pode dizer é que esse longo intervalo sem filmar não lhe tirou a agilidade e a forma. *Proibido proibir* não apenas situa sua trama entre jovens universitários, mas tem em sua linguagem uma pegada jovem, que pode lhe ser crucial no momento de encontrar seu público. Sabemos que os filmes brasileiros, por mais importantes que sejam, têm muitas vezes dificuldades para dialogar com a platéia mais jovem, aquela que, majoritariamente, procura as salas de cinema.

Por sua trama de personagens jovens, mas, mais do que isso, pelo clima cálido e envolvente como desenvolve sua história, *Proibido proibir* pode, quem sabe, quebrar essa barreira e esse tabu. Não se está dizendo que será um enorme sucesso, mesmo porque essa categoria passou a ser privativa dos lançamentos bombásticos, em escala mundial, ou, no plano nacional, privativo de filmes subsidiários da TV. O que se sugere é que, pela sua linguagem e estrutura, o filme tem, em tese, uma oportunidade de encontrar o seu público. E qual seria esse público natural? Bem, justamente o público universitário, esse mesmo que, em seus melhores momentos, pode perceber que entre pensar o País ou em sua carreira profissional, na verdade, ele precisa fazer as duas coisas.

Das atuações muito boas da trinca principal à fluidez da narrativa, *Proibido proibir* seduz o espectador, ao mesmo tempo em que levanta alguns pontos de reflexão. Não se deixa levar pelo didatismo esquemático nem pela pregação de qualquer posição política. Destaca problemas e o faz pela via da emoção, uma emoção lúcida, que não se torna empecilho para a reflexão.

*Proibido proibir* concorreu no Festival de Havana e ganhou o Prêmio Especial do Júri. Após a sessão, uma das juradas, a cineasta venezuelana Fina Torres, comentou: “Que país o Brasil, tão trágico e tão cheio de energia!”. Talvez sem o saber, ela fazia uma quase paráfrase dos versos de Mario Faustino usados por Glauber Rocha em seu *Terra em transe*: “Tanta violência, mas tanta ternura”. Assim somos nós.

## Jovem trio enfrenta as contradições do Brasil

*O colunista do jornal Folha de S. Paulo, José Geraldo Couto, também comenta o filme Proibido Proibir no artigo que segue, publicado na Folha, em 27-04-2007.*

Triângulos amorosos em que dois grandes amigos se apaixonam pela mesma mulher são recorrentes no cinema. O caso clássico é *Jules e Jim*, de François Truffaut. Na filmografia brasileira recente, temos *Cidade baixa*, de Sérgio Machado, e agora *Proibido proibir*. Não é nisso, portanto, que reside a originalidade do filme de Jorge Durán, e sim no seu enfoque de um dos grandes temas, se não o único, do cinema nacional: os impasses da classe média diante das contradições sociais do país. Os três protagonistas são estudantes de uma universidade pública do Rio de Janeiro. Leon (Alexandre Rodrigues, o Buscapé de *Cidade de Deus*) estuda sociologia. Sua namorada, Letícia (Maria Flor), arquitetura. E seu amigo

e companheiro de apartamento Paulo (Caio Blat) faz medicina.

Na hora de colocar à prova os conhecimentos adquiridos no campus, cada um deles tem um rico corpo-a-corpo com a cidade do Rio e, por extensão, com o Brasil. E os três acabarão envolvidos numa situação crítica quando o filho de uma paciente pobre de Paulo é jurado de morte por policiais corruptos.

“É proibido proibir”, como se sabe, foi um dos slogans da rebelião estudantil de maio de 1968 na França e também título de uma polêmica canção de Caetano Veloso. O mote aponta para a liberdade absoluta, para a subversão de todas as normas repressivas.

*Proibido proibir*, o filme, articula esse desejo transgressivo à necessidade de ação social responsável.

Movidos por esse duplo influxo, os jovens do filme são um pouco como nós, veteranos, gostaríamos que todos fossem (idealizando, talvez, nossa própria juventude perdida): generosos, apaixonados, belos.

### Trio talentoso

A trama é muito bem construída, as situações são convincentes e os atores, não apenas o trio protagonista, defendem seus personagens com garra, em especial Caio Blat, que se afirma como um dos grandes talentos da nova geração.

Merece destaque também a maneira como Durán captou a geografia carioca. Na contramão da maioria dos filmes rodados no Rio, *Proibido Proibir* praticamente

passa ao largo da orla da zona sul e dos morros favelizados, espalhando-se entre o centro e os subúrbios “planos” da zona norte e destacando (graças à carreira de Letícia) marcos da arquitetura urbana, como a igreja da Penha e o edifício Capanema.

O final em aberto, que não convém revelar aqui, é pleno de significado afetivo e político, sobretudo quando, já sobre os créditos, a voz roufenha de Nelson Cavaquinho canta o clássico samba “Juízo Final”. Chileno radicado no Brasil desde 1973, Jorge Durán, roteirista de alguns de nossos filmes mais importantes, retorna à direção duas décadas depois de seu outro único longa, *A cor do seu destino* (1986). Cabe esperar que *Proibido Proibir*, premiado nos festivais de Biarritz e Havana, seja o início de uma nova e vigorosa fase.

## Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU

*Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias Diárias do sítio do IHU. Apresentamos um resumo dos destaques que podem ser conferidos, na íntegra, na data correspondente.*

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU) DE 28-08-2007 A 03-07-2007

### Operação Condor. A estrutura continua existindo Neusa Maria Romanzini Pires

Confira nas *Notícias do Dia* 28-05-2007

A economista Neusa Maria Romanzini Pires, após realizar pesquisa para o doutorado *Memória da dor - A operação Condor*, reconta a história da organização que foi montada para coordenar a repressão aos esquerdistas.

### “O Paraguai subsidia as indústrias de São Paulo”

Fernando Lugo

Confira nas *Notícias do Dia* 29-05-2007

O Paraguai tem um novo nome no cenário político. Fernando Lugo, teólogo e bispo católico, é candidato às eleições presidenciais de 2008. Na entrevista à *IHU On-Line* ele conta sua história e comenta sobre a política na América Latina.

**Ética e política segundo Henrique C. de Lima Vaz****Marcelo Perine**Confira nas *Notícias do Dia* 30-05-2007

Para o filósofo Marcelo Perine, o homem moderno está vivendo uma crise de ética, a qual ele define como uma crise de valores, normas e de sentido da própria ética.

**Nietzsche: uma nova luz sobre a problemática da xenofobia e da intolerância****Mônica Cragolini**Confira nas *Notícias do Dia* 31-05-2007

A filósofa argentina Mônica Cragolini lança o livro *Moradas nietzscheanas*. Na obra, ela lança um novo olhar sobre a subjetividade nietzschiana.

**Agroecologia. Passado, presente e futuro****Manoel Baltasar Baptista da Costa**Confira nas *Notícias do Dia* 01-06-2007

Com novos investimentos na agroecologia, o Brasil atinge 25 mil hectares de cultivos orgânicos.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU ([WWW.UNISINOS.BR/IHU](http://WWW.UNISINOS.BR/IHU))**'Denúncias de corrupção servem a rearranjos de poder e influência'****Manuel Balán**Confira nas *Notícias do Dia* 28-05-2007

Para o pesquisador da Universidade de Austin, Texas, Manuel Balán, referindo-se à América Latina, todos os escândalos de caráter nacional buscam o rearranjo do poder. Na produção de sua tese de doutorado, Balán estudou 60 escândalos que ocorreram de 1990 até 2007, em países como Brasil, Chile e Argentina. A entrevista é do jornal *Valor* e foi publicada em 28-05-2007.

**As interrogações intocadas****Janio de Freitas**Confira nas *Notícias do Dia* 29-05-2007

O jornalista Janio de Freitas avalia os discursos de Renam Calheiros. O artigo foi publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, no dia 29-05-2007.

**'O jovem deve evangelizar o jovem'****Vital Corbellini**Confira nas *Notícias do Dia* 29-05-2007

Ao analisar o discurso do Papa Bento XVI, em visita ao Brasil, o Pe. e teólogo Vital Corbellini afirma que o teor da fala de Ratzinger vai mais além daquilo que foi noticiado pela imprensa.

**O processo de geração dos biocombustíveis está dominado pelo cartel do petróleo****Sergio Federovisky**Confira nas *Notícias do Dia* 30-05-2007

Para Sergio Federovisky, a matriz energética dos biocombustíveis é a mesma do petróleo. Isso quer dizer que a distribuição do produto continua sob o comando dos mesmos que dominam a distribuição da gasolina e do diesel. O artigo foi publicado no jornal *Página 12*, em 19-05-2007.

**V Conferência. Documento final deverá ser híbrido****Pedro Ribeiro**Confira nas *Notícias do Dia* 31-05-2007

O ex-assessor da CNBB Pedro Ribeiro disse, em entrevista à agência *Adital*, em 29-05-2007, que a participação tanto das Pastorais Sociais, das CEBs,

quanto da Teologia da Libertação garantiram uma dinâmica de estudos a partir da realidade, na V Conferência, em Aparecida.

#### A segunda modernidade e o papel ambivalente da ciência

**Ulrich Beck**

Confira nas *Notícias do Dia* 31-05-2007

Ao analisar as contradições da sociedade contemporânea, o sociólogo alemão Ulrich Beck diz que atualmente, a ciência tem um papel ambivalente. Ao mesmo tempo em que ela continua sendo uma “fonte de

solução”, é “também uma fonte de problemas”. A entrevista foi concedida à *Fórum*, no dia 30-05-2007.

#### Gabo, o boom e o realismo mágico

**Jorge Lafforgue**

Confira nas *Notícias do Dia* 01-06-2007

Para o crítico e pesquisador argentino, Jorge Lafforgue, *Cem anos de solidão*, de García Márquez, se impôs como um marco e um “símbolo pouco freqüente no campo cultural do nosso continente”. O artigo foi publicado no jornal *Clarín*, no dia 19-05-2007.

## Frases da Semana

SÍNTESE DAS FRASES PUBLICADAS DIARIAMENTE NAS NOTÍCIAS DO DIA NO SÍTIO DO IHU.

#### Eleições de Porto Alegre

“Tarso Genro articula a união do PT gaúcho, com a candidatura de Miguel Rosseto para a prefeitura de Porto Alegre e o apoio a Olívio Dutra para presidente nacional do partido. Tarso ficaria livre para disputar o governo ou a Presidência em 2010” - **Renata Lo Prete**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 28-05-2007.

“Tarso Genro nega ter fechado acordo para apoiar Miguel Rosseto na disputa interna do PT pela candidatura a prefeito de Porto Alegre. “Defendo que o partido discuta um nome de consenso com aliados históricos como PC do B, PDT e PSB”, diz o ministro da Justiça” - **Renata Lo Prete**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 31-05-2007.

#### Marcos Pontes

“Basicamente, Marcos Pontes esteve na estação como um visitante” - **John Logsdon** - diretor do Instituto de Políticas Espaciais da Universidade George Washington,

comentando a viagem do primeiro astronauta brasileiro - *O Estado de S. Paulo*, 28-05-2007.

#### Renan Calheiros

“Se Renan Calheiros cai, o governo perde a maioria no Senado. Se Renan, fica, o governo perde a maioria do Senado. Ninguém vai convencê-lo e que não houve um dedo do comissário Béria (Tarso Genro) nesse caso” - **Cesar Maia**, prefeito do Rio pelo DEM - *O Globo*, 29-05-2007.

“Eu até poderia ser benévolo com ela (a jornalista Mônica Veloso) porque foi minha nora, mas também não podemos achar que ela é a dona da verdade. Ele (Renan) teve coragem de trazer isso tudo ao plenário” - **Antonio Carlos Magalhães**, senador pelo DEM-BA, avaliando a situação política de Renan Calheiros - *O Estado de S. Paulo*, 29-05-2007.

“Ela (a jornalista Mônica Veloso) sempre recebeu em dinheiro vivo, entregue pelo Cláudio Gontijo” - **Pedro Calmon**, advogado da jornalista Mônica Veloso, referindo-se ao lobista da Construtora Mendes Júnior, em Brasília - *O Estado de S. Paulo*, 29-05-2007.

“Ele (Renan) ganhou este round, mas ninguém sabe o que pode vir nos próximos assaltos” - um senador opositor avaliando a situação do presidente da Casa depois do pronunciamento - *Folha de S. Paulo*, 29-05-2007.

“A primeira lâmina fez tchan. A segunda fez tchun. Se houver a terceira será tchan, tchan, tchan, tchan!” - um deputado petista usando a metáfora do Prestobarba para descrever os percalços de Renan, primeiro com a empreiteira Gautama e depois com a reportagem da revista “Veja” - *Folha de S. Paulo*, 29-05-2007.

“Eu quero ter uma filha com o Renan Calheiros. Mudo até de sexo! É que o Renan teve uma filha com uma jornalista e o lobista é quem paga a pensão. De R\$ 16,5 mil! E como disse um leitor: eu queria ser a filha do Renan e de brinde ainda levar uma mãe daquela, supergostosa!” - **José Simão**, humorista - *Folha de S. Paulo*, 29-05-2007.

“O amor é lindo! I LOBBY YOU! Camiseta I Lobby You com coração e cifrão! Coracifrão!” - **José Simão**, humorista - *Folha de S. Paulo*, 29-05-2007.

“O Renan vai lançar o PAF: Programa de Aceleração da Fornicação. Se engravidar, a empreiteira paga” - **José Simão**, humorista - *Folha de S. Paulo*, 29-05-2007.

“O Renan diz que o dinheiro provém de negócios agropecuários. É sim, vem de uma vaquinha. Vaquinha

entre as empreiteiras” - **José Simão**, humorista - *Folha de S. Paulo*, 29-05-2007.

“Ministro japonês acusado de corrupção se suicida”. Se a moda pegasse, o Lula ia fazer o PAC: Programa de Aceleração de Cemitérios!” - **José Simão**, humorista - *Folha de S. Paulo*, 29-05-2007.

“Se tivesse ouvido o discurso de defesa de Renan Calheiros no Senado, o ministro da Agricultura do Japão decerto não teria se enforcado por causa de escândalos em sua pasta. Há explicações para tudo, caramba!” - **Tutty Vasques**, humorista - *NoMínimo*, 29-05-2007.

“A Casa inteira o respeita muito. Não tem nada confirmado, então não pode haver prejulgamento” - **Sibá Machado**, senador - PT/AC - presidente do Conselho de Ética - *Folha S. Paulo*, 31-05-2007.

“Renan Calheiros, como se sabe, não tem nada a ver com as traficâncias da **Gautama** e de toda aquela turma que gravitava em torno da arapuca de obras públicas. Mas os grampos da PF, de uma inconveniência sem igual, continuam gritando: Renan, Renan, Renan, Renan, Renan...” - **Josias de Souza**, jornalista - blog - 30-05-2007.

“Mônica é a maior vítima desse episódio” - **Paulo Henrique Amorim**, jornalista - blog *Conversa Afiada*, 30-05-2007.

“Meu problema é a forma preconceituosa e vulgar com que um senador trata a mulher que deu à luz sua filha. Meu problema é a forma subliminar de atribuir a Mônica o papel de vilã da história. Aquela conversa de mictório masculino: “também, aquela mulher ...” Aquela mulher fatal que seduziu o pobre ingênuo nordestino que caiu nas malhas da cidade grande, cruel” - **Paulo Henrique**

Amorim, jornalista, rebatendo a jornalista Miriam Leitão, que afirmou que o problema não é o problema pessoal, mas a relação do Senador Calheiros com as empreiteiras - blog *Conversa Afiada*, 30-05-2007.

“O Renan Galheiros provoca a ira dos ex-maridos! Protesto de ex-maridos! O Renan inflacionou o mercado! Depois dos R\$ 16.500 de pensão pra ex-amante pagos pelo lobista, mulher nenhuma mais aceita salário mínimo!” - José Simão, humorista - *Folha de S. Paulo*, 01-06-2007.

“E sabe o que é terceirização? Político que transa com a amante e quem paga as contas é o lobista, sem participar da festa” - José Simão, humorista - *Folha de S. Paulo*, 2-06-2007.

#### Chávez

“O Congresso brasileiro está agora subordinado ao de Washington. O Congresso do Brasil deveria se preocupar com os problemas do Brasil. O Congresso é dominado pelos movimentos e partidos da direita, que estão tentando que a Venezuela não entre no Mercosul” - Hugo Chávez, presidente da Venezuela - *Folha de S. Paulo*, 01-06-2007.

“Este Congresso faz um mau favor à causa sul-americana. A esses representantes da direita brasileira, eu digo que é muito mais fácil que o império português a se instalar em Brasília do que o governo da Venezuela devolver a concessão à oligarquia venezuelana” - Hugo

Chávez, presidente da Venezuela - *Folha de S. Paulo*, 01-06-2007.

“Se ‘Chávez tem que cuidar da Venezuela’, o Senado tem que cuidar do que se passa nele, o que, outra obviedade, não faz. E tudo indica que não vai fazer” - Janio de Freitas, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 3-06-2007.

#### Grêmio

“Amigo Torcedor, amigo secador, está provado: o Grêmio é mesmo um time à prova de agouros” - Xico Sá, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 01-06-2007.

“Será mesmo que o Grêmio é mesmo à prova de azares ou a Batalha dos Aflitos ao contrário se aproxima?” - Xico Sá, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 01-06-2007.

“O Grêmio provou uma vez mais que aquela camisa - desde que vestida por quem sabe lutar para defendê-la -, muito mais do que qualquer esquema tático, intimida adversários. A camisa e a torcida” - Marcos Caetano, jornalista - *NoMínimo*, 3-06-2007.

“O Santos pode dar a volta por cima? Pode. Mas, muito mais do que de táticas do competente Luxemburgo, precisará de espírito de luta e do apoio dos torcedores, no melhor estilo argentino. Ou gremista, por assim dizer” - Marcos Caetano, jornalista - *NoMínimo*, 3-06-2007.

## Eventos

### Agenda da semana

A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS EVENTOS PODE SER CONFERIDA NO SÍTIO DO IHU - [WWW.UNISINOS.BR/IHU](http://WWW.UNISINOS.BR/IHU)

**Dia 05-06-2007*****A realidade do trabalho informal no Vale do Rio dos Sinos - possibilidades e desafios***

Conversas - O mundo do trabalho e a vida dos/das trabalhadores/as

Sala 1G119 - IHU - 19h30min às 21h30min

**Dia 06-06-2007*****A concepção sócio-antropológica de economia de Karl Polanyi e sua crítica à utopia do mercado - Karl Paul Polanyi (1886-1964).***

Prof. Dr. Armando de Melo Lisboa - UFSC

Ciclo de Estudos Fundamentos Antropológicos da Economia

Sala 1G119 - IHU - 19h30min às 22h

**Dia 09-06-2007*****A produção fabril - Filme: Tempos modernos***

Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa e Profa. Dra. Flávia Seligman - Unisinos

Ciclo de Cinema e Debate em Economia - O Capitalismo Visto pelo Cinema

Sala 1G119 - IHU - 19h30min às 22h

## Conversas sobre o mundo do trabalho

Nesta semana, no próximo dia 5 de junho, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU - dá continuidade ao evento **Conversas - O mundo do trabalho e a vida dos/das trabalhadores/as**. Na ocasião, debater-se-á sobre as *possibilidades e os desafios da realidade do trabalho informal no Vale do Rio dos Sinos*. A atividade acontece das 19h30min às 21h30min na sala 1G119 do IHU. São convidados especiais Anelise Zart, Cristiane Alves da Rosa, José Alencar P. Pereira e Marcos dos Santos Rodrigues, da ATUROI (Associação de Trabalhadores Urbanos de Recicláveis Orgânicos e Inorgânicos), de São

Leopoldo; Jorge Luiz Elias Rodrigues, diretor do Departamento de Economia Solidária da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Social de São Leopoldo; e Lúcia dos Santos Garcia, coordenadora técnica do Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos).

Segundo a coordenadora do evento, a professora Marilene Maia, estas rodadas de conversas sobre o Mundo do Trabalho e dos (as) Trabalhadores (as) foram

inspiradas nos dizeres de Paulo Freire: “Para mim, a realidade concreta é algo a mais que fatos ou dados tomados mais ou menos em si mesmos. Ela é todos esses fatos e todos esses dados e mais a percepção que deles esteja tendo a população envolvida”.

O objetivo do evento é oportunizar o diálogo sobre a realidade do mundo do trabalho e da vida dos/as trabalhadores/as do Vale dos Sinos, em vista de melhor conhecer, analisar e intervir neste cenário. As conversas são mensais e desenvolvidas por temas geradores do diálogo, desencadeado pela participação de convidados/as trabalhadores/as, que apontarão uma análise dos indicadores da realidade a partir das suas vivências. Ao final de cada conversa, serão apontadas propostas, que no fim do ano deverão compor uma

agenda afirmativa do trabalho para a região. Os participantes são trabalhadores/as da região, pesquisadores e estudantes, gestores governamentais, empresariais e da sociedade civil.

No encontro do dia 3 de abril o tema gerador foi *Realidade do trabalho e [d@](#)s trabalhadores/as do Vale dos Sinos*. E em 2 de maio o tema debatido foi *Trabalhadores/as e diversidade no Vale dos Sinos: Que fazer?* O próximo encontro será no dia 3 de julho de 2007, quando será discutido o tema *Realidade dos/as agricultores/as do Vale dos Sinos - a terra e o trabalho*.

Mais informações podem ser encontradas no site [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)

#### VEJA AS IMAGENS DOS PRIMEIROS ENCONTROS:



## Perfil Popular

### Maria Leni de Soares

*Originária de Santa Cruz do Sul, onde viveu até os sete anos, Maria Leni de Soares, 37 anos, adotou São Leopoldo, Rio Grande do Sul, como lar. Cresceu com os avós maternos, em uma família de mais de 21 pessoas. “Minha avó me criou como filha, então nunca chamei ela de avó, conseqüentemente, meus tios eram meus irmãos.” Hoje, Leni, como é conhecida pelos amigos, é casada e mãe de três filhos, seu orgulho. Trabalhando desde os 13 anos, ela sempre perseguiu uma vida melhor para a família. Na Cooper Progresso, encontrou seu e lar e também seu trabalho, participando da diretoria como coordenadora dos grupos de reciclagem e costura, onde sonha construir sua carreira. “Estou pensando muito no que mais posso fazer. Meu futuro é ali na cooperativa.” Conheça um pouco mais de Maria Leni na entrevista a seguir.*



#### Infância

Leni teve uma infância cercada de familiares, sempre muito mimada. “Eu não limpava a casa, eu não precisava fazer nada. Se eu pensava em fazer alguma coisa um tio dizia assim: Não pode, onde já se viu! Ela não tem pai.” Estudou somente até a sétima série do Ensino Fundamental, quando largou os estudos para trabalhar. “Parei de estudar porque tinha que ajudar a minha avó e meu avô.” Leni começou em uma casa de família como empregada. “Todos trabalhavam na minha família desde cedo.” Com os avós na roça, os jovens sentiram o peso do trabalho muito cedo na família. “Depois que os filhos cresceram todos começaram a trabalhar, e daí tudo ficou mais fácil.”

#### Trabalho

A primeira experiência de Leni como empregada não foi agradável. A menina sentia saudades da família. “Fui trabalhar em uma casa e odiei. Eu tinha que dormir lá e acabei ficando longe da família. Eu chorava dia e noite. Fiquei um mês nesse emprego a trancos e barrancos.” Leni também não gostava das suas tarefas: cuidar de duas crianças e limpar a casa. “Até hoje eu não gosto de limpar a casa. Gosto de trabalhar na rua.” Em outra casa, Leni se adaptou melhor, chegando a ficar um ano no cargo. “Lá era melhor, porque eu já tava um pouco mais madura também. Era só um casal, e como o marido viajava muito eu ficava só na companhia dela.” A patroa de Leni compensava a saudade da família, levando-a para passear. “Me levava pra sair

quase todo dia. Conheci muitas coisas através dela. Eu não conhecia Porto Alegre e ela me levou para conhecer. Também conheci Canoas. Quando ela sabia que eu não conhecia uma coisa me levava lá.” Leni deixou a casa em busca de um emprego com salário maior e carteira assinada, mas acabou ficando desempregada por meses. “Daí minha mãe ficou doente e acabei deixando isso um pouco de lado.” Mais tarde, Leni conquistou uma vaga de revisora de calçados na empresa Goldenflex. “Eu gostava de lá, mas ganhava pouco. Quando eu descobri que em outros lugares se ganhava mais, fui para outras firmas.” Na Multisolados, Leni ficou cinco anos, até o fechamento da fábrica. “Depois dessa eu não consegui mais arranjar emprego em firmas e passei a fazer faxinas.”

### Família

Com 19 anos, Leni se casou. Aos 20 teve sua primeira filha, Ingrid, hoje com 16 anos. Logo vieram Vander, de 11, Pâmela, de 15 anos, e Wellington, de 7 anos. O casal logo se separou e ela se viu criando os filhos sozinha. “Passei muito trabalho. Era eu e eu. Quando meu filho ficou doente foi muito sacrificado porque estava sozinha.” Hoje, Leni está em seu segundo casamento, com Isaac, que trabalha assentando asfalto em uma empresa de pavimentação. “Começamos a namorar e casamos há onze anos. Nesse casamento tive meu terceiro filho, o Wellington, de sete anos.”

### Cooper Progresso

Depois de um mês casada e morando de aluguel, a família teve a notícia de terrenos que estavam sendo vendidos perto do Rio dos Sinos. “Chegando lá, encontramos um cara que disse que o terreno

custava R\$ 300,00. A gente estava precisando, então compramos.” Uma semana depois de até ter construído uma casa no local, a verdade chegou à família. “Descobrimos que aquele cara não era da cooperativa, era uma pessoa qualquer que se aproveitou da situação. Era uma invasão. Eu nem sabia o que era isso.” Leni e o marido não sabiam que atitude tomar diante da situação. Os vizinhos juntaram-se e formaram uma cooperativa, em busca de uma solução para o impasse. “Aconteceram muitas brigas até conseguirmos nosso terreno, mas conseguimos. Não era uma situação completamente legalizada, mas estava a caminho.”

### Casa própria

Sem luz, água, ou saneamento, era tudo improvisado no loteamento. “Tinha a tal patente. Aquela casinha com buraco e tudo. Minhas filhas choravam e diziam que não queriam ir ali porque tinha bichinho. Era bem ruim.” A família pagava o terreno mensalmente para a cooperativa, em busca de melhorias no local. Mas a corrupção logo tomou conta da iniciativa. “Um dia teve uma assembléia de noite e descobrimos que o presidente da cooperativa tinha desviado R\$ 130 mil. Houve uma mobilização grande e o tiramos do cargo.” O atual presidente assumiu e houve novas negociações com os donos das terras. Há três semanas, a família tem sua primeira casa própria. “É linda. Quando vi que começaram a construir, incomodava muito os pedreiros, passava o dia todo na obra, sempre falando o quanto a casa estava bonita. Esperamos muito tempo por ela. Até já a aumentei para cada um ter seu quarto. Está prontinha.”

### Construção

Leni não pára de trabalhar em busca de melhorias para a vida no loteamento. Começou como moradora, mas logo se envolveu na diretoria da Progresso. “Comecei a discutir com eles sobre tudo o que via de errado no loteamento. Daí decidi me envolver no trabalho e comecei a tomar atitudes.” Hoje, ela é responsável pela coordenação dos grupos da reciclagem e da costura. “Faço trabalhos de rua, como ir na prefeitura, buscar pedidos de costura e também catadores.”

### Futuro

Leni diz estar em uma fase em que avalia o trabalho feito até agora. “Estou pensando muito no que mais posso fazer. Meu futuro é ali na cooperativa, e tenho planos para o grupo de reciclagem.” Ela planeja agregar ao trabalho os moradores das ruas próximas à cooperativa. “Quero trazer aqueles catadores pra dentro, pra conseguirmos trabalhar com eles. Quero que eles tenham mais dignidade.” Ela participa da associação de bairro, onde leva a experiência do trabalho da Progresso. “Queremos trazer casa para eles. Sabemos que não é pra hoje, mas queremos pra eles também. Eles devem ter tudo que um ser humano merece.”

### Sonho

O sonho de Leni é trazer conforto para a família, adquirindo um computador. “Para os meus filhos poderem estudar, aprender mais, fazer os trabalhos de colégio.”

### Brasil

Leni é categórica quando fala de política brasileira. Ela reclama da corrupção e falta de consideração dos políticos com a população. “Eu acho que podemos melhorar quando nossos governantes sentarem para refletir que a frente deles existe um povo carente, que está esperando que eles reajam, deixem de embolsar o que não devem e pensar um pouco mais em nós.” Leni enfatiza a indiferença dos políticos de alto escalão com as necessidades do povo. “Eles têm que parar de brigar entre eles e pensar mais nos outros. Eles só pensam no bolso deles. Eles ganham muito mais que o salário mínimo que a maioria do povo ganha.” Ela ainda destaca que a apatia dos brasileiros diante da situação leva a mais corrupção. “Vemos todo dia na televisão as denúncias, mas fazer alguma coisa ninguém faz. Nós não reagimos e acabamos colocando eles lá em cima. Só colocamos eles lá porque nos achamos inferiores. Temos que assumir um pouco essa culpa.”

## Sala de Leitura

*Fast second: how smart companies bypass radical innovation to enter and dominate new markets*, de Constantinos C. Markides e Paul A. Geroski, (San Francisco Jossey-Bass, 2005). O livro discute como empresas que criam inovações radicais podem entrar e dominar os novos mercados. Para isso, aborda as características da estrutura de novos mercados e a implicação de novos entrantes; como estabelecer organizações nesses mercados e quando é o momento certo para realizar os movimentos nele; como pequenas empresas alcançaram escalas nos novos mercados; como a primeira posição nestes mercados começou a ser

consolidada; e como a empresa poderia evoluir se for pioneira em algo. Apesar de apresentar um perfil ligado à administração, a parte inicial tem uma estrutura interessante que destaca o processo de inovação e o que o autor chama de *radical innovation*. A obra é complementada por uma série de exemplos reais e apresenta uma estrutura e linguagem de fácil entendimento.

Vagner de Carvalho Silva, Prof. na Unidade Acadêmica de Ciências da Comunicação da Unisinos.

## Denise Cogo

*Pesquisar é a paixão de Denise Cogo. Graduada em Jornalismo e Letras pela UFRGS, ela escolheu a comunicação como carreira. Ainda jovem, ganhou um prêmio de Jornalismo e viajou à Ásia e à Europa, onde se abriram muitas portas para sua carreira. Com mestrado e doutorado no currículo, Denise conquistou o espaço merecido na pesquisa, onde hoje desenvolve um projeto juntamente com a Universidade Autônoma de Barcelona. Nas horas livres, Denise gosta de ler obras de autores latino-americanos, como Isabel Allende<sup>1</sup>, e ir ao cinema, encontrar amigos, viajar, além de fazer hidroginástica, que pratica com disciplina. Conheça um pouco mais de Denise Cogo na entrevista a seguir.*

---

<sup>1</sup> Isabel Allende (1942): jornalista, escritora chilena, radicada nos Estados Unidos. É considerada uma das principais revelações da literatura latino-americana da década de 1980. Sua obra é marcada pela ditadura no Chile. De suas obras, destacamos *A casa dos espíritos* (1982), que em 1993 foi reproduzida no cinema por Bille August. (Nota da *IHU On-Line*)

## IHU REPÓRTER

**Origens** - Nasci em Porto Alegre em 1964, às vésperas da ditadura no Brasil. Meu pai se chama Hélio e minha mãe Sirley. Meu pai foi funcionário público estadual e minha mãe professora de música. Tenho um irmão mais velho, que mora em Porto Alegre.

**Infância** - Minha infância foi muito na rua, criança de rua mesmo, meio indomável. Morei em uma casa no centro de Porto Alegre até os seis anos e depois a família se mudou para um apartamento na Avenida Ipiranga, que, na época, já era muito movimentada. Brincávamos na calçada mesmo. Minha mãe sempre se preocupava muito. Lembro de gostar de experimentar brinquedos, corrida, tudo o que aparecia. Tive muitas passagens pelo pronto-socorro, por quebrar a perna, destrancar o braço, pois gostei sempre de aventuras.

**Estudos** - Sempre gostei de estudar muito. Primeiro, passei o jardim de infância no Pica Pau Amarelo, uma escolinha que ainda existe. Estudei, depois, em escolas públicas. Na Ildefonso Gomes, fiz o primário, e o restante fiz na Inácio Montanha, onde também completei o Ensino Médio Profissionalizante. Não tinha muita escolha na época devido a uma reforma de ensino do governo e tive que cursar o técnico. Acabei escolhendo o Turismo. O que eu mais gostei foi de estudar francês, pois havia bons professores no curso.

**Comunicação** - Quanto à graduação, estava entre cursar Letras e Comunicação. Queria ser tradutora e intérprete ou jornalista. Decidi cursar Jornalismo e, depois de dois anos, iniciei Letras, ambos na UFRGS. Fiz estágio na UFRGS, em fotografia e assessoria de imprensa, e, mais tarde, acabei sendo contratada pela universidade. Em Letras, cheguei a fazer algumas traduções na época para revistas técnicas, mas não continuei. Trabalhei também como jornalista *freelance* para jornais de empresa e jornais de bairro.

O trabalho na assessoria de imprensa acabou ficando muito rotineiro e eu resolvi tentar outros rumos. Fiz seleção e comecei a cursar o mestrado em Comunicação na USP.

**Oportunidade** - Recebi um prêmio de jovens jornalistas na Tailândia com um trabalho escrito em francês. Era um artigo sobre crítica de cinema e televisão. Havia, então, um escolhido de cada continente. Fui escolhida pela América Latina e fui para Bancoc, com tudo pago. Comprei um *euro-pass* e aproveitei para fazer um *tour* pela Europa. Fui à Itália, onde encontrei amigos e viajei de carro, e também à Suíça e à França, de trem. Dessa viagem, conheci, na Itália, uma ONG chamada Centro Orientamento Educativo, onde acabei, mais tarde, fazendo, em parceria, um projeto de vídeo comunitário com as crianças da periferia de Porto Alegre. No ano seguinte, eles convidaram esses jovens jornalistas para irem a Roma e a Milão, a fim fazer um estágio de quinze dias para jornalistas africanos e latino-americanos. Nessa oportunidade, voltei para a Europa e fui para a Espanha pela primeira vez. Foram experiências de vida e profissional que me abriram muitas portas. Retornei ao Brasil e iniciei o mestrado em Comunicação na USP. Depois de um tempo lecionando, iniciei o doutorado, também na USP.

**Trabalho** - Vim para a Unisinos em 1990, participei e passei em uma seleção de professores. Comecei na disciplina de Introdução ao Jornalismo e gostei muito. Logo que iniciei, começou uma greve dos professores na Unisinos, a única, pelo que eu lembro, a ocorrer até hoje. Nessa época, eu havia recebido o prêmio e eu pude viajar para recebê-lo. Quando voltei, lecionei por mais um ano e pedi licença para fazer o mestrado em São Paulo.

**Pesquisa** - Envolvi-me com a pesquisa, que ainda estava iniciando na Universidade. Em um núcleo de pesquisa, coordenado pelo professor Pedro Gomes, estudamos recepção, juventude e televisão, e publicamos duas pesquisas com esse tema. Depois de cursar o doutorado, retornei à Unisinos, para lecionar e fazer pesquisas. Coordeno um projeto de cooperação acadêmica internacional, há quatro anos, chamado Brasil-Espanha, financiado pela Capes e pelo Ministério da Educação da Espanha, que envolve intercâmbio entre os grupos de pesquisa Mídia e Multiculturalismo e Processocom da Unisinos com a Universidade Autônoma de Barcelona. Os pesquisadores passam dois meses por ano aqui, nós passamos dois na Espanha, e os alunos também vão para fazer estágios de doutorado.

**Família** - Fui casada durante sete anos, não tenho filhos, mas já tive um cachorro. Já morei em São Leopoldo, mas Porto Alegre é a minha casa.

**Horas livres** - Gosto de fazer muitas coisas boas em meu tempo livre. Viajar, ler, ir ao cinema. Eu adoro cinema e dvd. Ultimamente, tenho visto muito cinema europeu. Minha filmografia se ampliou muito com as viagens. Gosto muito do cinema argentino também e de séries retrôs, como *A feiticeira*, *Jeannie é um gênio* e *Os monstros*. Saio também com amigos, para conversar e beber vinho.

**Esporte** - Faço hidroginástica, três vezes por semana. Há três anos, uma médica me recomendou fazer o exercício como forma de tratar o estresse. Sou bem regular no exercício. Quando vou para uma viagem mais longa, me matriculo na academia e sigo fazendo. Caminhei muito tempo e, no tempo do colégio, joguei vôlei e ganhei medalhas em torneios.

**Autor** - Sempre gostei da América Latina. Marcou-me muito Gabriel García Márquez<sup>1</sup>, Isabel Allende e Pablo Neruda<sup>2</sup>. Gosto também dos livros sobre a ditadura. Quando eu estava na universidade, estava iniciando a anistia e começaram a circular livros sobre esse tema. Li todos os livros do Fernando Gabeira e de outros autores que denunciaram o que aconteceu nos anos de ditadura. Hoje eu leio um pouco de tudo, mas muitos livros acadêmicos, o que faz sobrar menos tempo para a ficção.

**Unisinos** - Estou há muito tempo na Unisinos: 16 anos. Com a pesquisa tenho uma relação mais direta com a Universidade, pois me dedico exclusivamente a isso. Acompanhei muitas fases da Unisinos, como a montagem da pós-graduação, que me deram muitas experiências institucionais. Isso é bom e ruim, pois entendemos muitas coisas que estão acontecendo com essa experiência do tempo, mas, ao mesmo tempo, acaba faltando um certo distanciamento para entender outras. Na Unisinos, consegui abrir um espaço de trabalho para uma área que eu gosto muito, a pesquisa. Fiz amizades importantes, reencontrei colegas, que, hoje, são companheiros mesmo. Eu penso que aproveitei muito as possibilidades que a Universidade ofereceu. Agora, vou cursar o pós-doutorado por um ano em Barcelona com o apoio da Universidade, com salário e bolsa da Capes, e com tempo também para dedicar à pesquisa.

---

<sup>1</sup> **Gabriel García Márquez (1928)**: escritor colombiano, autor de *Crônica de uma morte anunciada*. 26. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. Sobre a obra do autor, confira a IHU On-Line n° 221 Cem anos de solidão. Realidade, fantasia e atualidade, disponível para download no sítio do IHU -www.unisinos.br/ihu. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> **Pablo Neruda (1904-1973)**: um dos mais importantes poetas da língua castelhana do século XX, e cônsul do Chile na Espanha (1934-1938) e no México. Desenvolveu intensa vida pública entre 1921 e 1940, tendo escrito, entre outras, as seguintes obras: *La canción de la fiesta*, *Crepusculario*, *Veinte poemas de amor y una canción desesperada*, *Tentativa del hombre infinito*, *Residencia en la tierra* e *Oda a Stalingrado*. (Nota da IHU On-Line)

IHU - Acompanho o trabalho pelo site e vejo atividades programadas às quais gostaria de ir. É uma programação fantástica, que sempre me atrai, mas que raramente se encaixa na minha agenda. É, no entanto, o meu sonho de consumo acadêmico. Eu vejo uma abertura cosmopolita

para o conhecimento no Humanitas. É um lugar com interesses multidisciplinares, importante na Universidade. Espero que um dia o Humanitas se abra para desenvolver e financiar a pesquisa acadêmica multidisciplinar, nesse diálogo extra-acadêmico. Desejo muitos anos de vida para o Humanitas.